

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SIMONE PEREIRA DA SILVA

SUICÍDIO: DA CULTURA DO CONSUMO AO CONSUMIR DA VIDA

São Leopoldo

2016

SIMONE PEREIRA DA SILVA

SUICÍDIO: DA CULTURA DO CONSUMO AO CONSUMIR DA VIDA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Dimensões do cuidado
e Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586s Silva, Simone Pereira da
Suicídio : da cultura do consumo ao consumir da vida. /
Simone Pereira da Silva ; orientadora Karin Hellen Kepler
Wondracek. – São Leopoldo: EST/PPG, 2016.
87p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) — Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Suicídio. 2. Consumo – Aspectos sociais. 3. Consumo
– Aspectos religiosos. 4. Subjetividade. I. Wondracek,
Karin Hellen Kepler. II. Título.

SIMONE PEREIRA DA SILVA

SUICÍDIO: DA CULTURA DO CONSUMO AO CONSUMIR DA VIDA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Dimensões do cuidado
e Práticas Sociais

Data: 27 de abril de 2016.

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – Faculdades EST

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dedico essa dissertação a Deus por ter me conduzido a uma doutrina que valoriza a vida e que mostra que os conflitos que vivenciamos na existência terrena, não passam de provas e expiações que servem para o aprimoramento moral e espiritual e que é através da superação, das dores que avançamos para alcançamos uma melhor moradia na seara espiritual.

Dedico também a todas as famílias de pessoas suicidas que sofrem a perda de ente querido, que Deus possa confortar vossos corações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter conseguido escrever sobre esse tema. Em alguns momentos foi extremamente árduo, em função das perdas que tive no decorrer da elaboração da dissertação, impedindo que terminasse no tempo previsto. Agradeço por ter enviado dois anjos nessa trajetória para me auxiliar com palavras de incentivo, através de conversas clareando o meu pensamento. Muito obrigada a você Margarete Muniz pelo seu carinho e amparo me ouvindo e incentivado cada vez mais, mostrando que eu teria condições de terminar. Não menos importante, você Ádria Santos que tanto me apoiou, clareando meus pensamentos, eu serei eternamente grata a vocês, por me ajudarem nessa conquista.

Agradecimento especial à minha orientadora Karin Wondracek que mesmo distante sua presença foi marcante, quando me impulsionou através dos seus e-mails. Aprendi muito com você, não somente os conhecimentos, que são muitos, mas o cuidado que você teve em fazer seus questionamentos, para que pudesse aprimorar a dissertação. Obrigada pelas palavras de carinho e o apoio. Deus ampare sua vida, lembrarei sempre de você com muito carinho.

Agradeço à Faculdades EST pelo acolhimento no período letivo, um local bucólico que me encantou. Aos funcionários que nos trataram com tanta gentileza e presteza, atendendo as nossas demandas, ao corpo docente que passou o conhecimento diante de uma turma tão diversificada, mas com muita humildade, respeitando o momento de cada aluno, tentando repassar o conteúdo no sentido que pudesse atingir a todos. E finalmente minha família pelo incentivo e amor, em especial minha mãe e minha irmã Ivônia Pereira por acreditarem em mim.

A Lucidez Perigosa

Estou sentindo uma clareza tão grande
que me anula como pessoa atual e comum:
é uma lucidez vazia, como explicar?
Assim como um cálculo matemático perfeito
do qual, no entanto, não se precise.

Estou por assim dizer
vendo claramente o vazio.
E nem entendo aquilo que entendo:
pois estou infinitamente maior que eu mesma,
e não me alcanço.

Além do que:
que faço dessa lucidez?
Sei também que esta minha lucidez
pode-se tornar o inferno humano
– já me aconteceu antes.

Pois sei que
– em termos de nossa diária
e permanente acomodação
resignada à irrealidade –
essa clareza de realidade
é um risco.

Apagai, pois, minha flama, Deus,
porque ela não me serve para viver os dias.
Ajudai-me a de novo consistir
dos modos possíveis.
Eu consisto,
eu consisto,
amém.

Clarice Lispector

RESUMO

Nesta pesquisa interdisciplinar investiga-se o suicídio na contemporaneidade, problematizando que a relação de consumo vem causando mudanças na economia, na família bem como suscitando o surgimento de uma nova produção de subjetividade, influenciando a forma de o indivíduo ser e estar na sociedade. Diante das incertezas e instabilidades do mundo contemporâneo, discute-se de que forma o estilo de vida está adoecendo o indivíduo e provocando mal-estar, desamparo, sentimento de vazio e risco de suicídio. A partir desta questão, pretende-se delinear de que maneira uma cultura de consumo pode encurralar o sujeito a consumir sua própria vida. A abordagem inclui perspectivas da psicologia, da sociologia e da teologia, na medida em que a construção do conhecimento sobre o indivíduo requer uma interlocução entre diversos saberes. Essa pesquisa visa contribuir para uma clínica que compreenda e atue para prevenir desencadeamentos de atos suicidas.

Palavras Chaves: Suicídio. Consumo. Vazio Existencial. Subjetividade.

ABSTRACT

In this interdisciplinary research suicide in contemporaneity is investigated, problematizing the fact that the consumption relation is causing changes in the economy, in the family, as well as causing the emergence of a new production of subjectivity, influencing the way the individual is and is being in society. Confronted with the uncertainties and instabilities of the contemporary world, we discuss about in what way the life style is causing the individual to be ill and provoking un-wellness, lack of support, a feeling of emptiness and risk of suicide. Based on this issue, the intent is to delineate in what way a culture of consumption fences in the subject to consuming their own life. The approach includes perspectives of psychology, sociology and theology to the extent in which the construction of knowledge about the individual demands an interlocution between the various knowledges. This research aims to contribute to a clinical practice which comprehends and acts to prevent triggering of suicidal acts.

Keywords: Suicide. Consumption. Existencial Void. Subjectivity.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 17 |
| 1 A SUBJETIVIDADE E O VAZIO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE .. | 21 |
| 1.1 A visão da Psicanálise sobre a Família | 21 |
| 1.1.2 A família contemporânea..... | 24 |
| 1.1.2 Famílias monoparentais | 26 |
| 1.2 Do desamparo ao vazio existencial..... | 27 |
| 1.2.1 Do desamparo ao vazio | 27 |
| 1.2.2 O vazio existencial na contemporaneidade | 30 |
| 1.3 O narcisismo e a formações de ideais..... | 34 |
| 1.3.1 O narcisismo na teoria de Freud..... | 34 |
| 1.3.2 A coletividade narcisista e seus ideais | 35 |
| 1.4 Síntese | 37 |
| 2 AS VICISSITUDES DA CULTURA DO CONSUMO | 39 |
| 2.1 Sociedade de consumidores | 39 |
| 2.2 A lógica do consumo e o materialismo | 43 |
| 2.3 A imagem, a valorização do eu e o individualismo..... | 46 |
| 2.4 O utilitarismo: o bem-estar que elimina a dor | 49 |
| 2.5 O amor a si mesmo e o descarte do corpo..... | 51 |
| 3 O SUICÍDIO: DO VAZIO EXISTENCIAL AO CONSUMO DA VIDA..... | 57 |
| 3.1 Uma breve percurso histórico sobre o suicídio..... | 57 |
| 3.2 O Suicídio no tempo moderno..... | 59 |
| 3.3 Tipos de suicídios na visão de Émile Durkheim | 59 |
| 3.3.1 Suicídio Egoísta | 60 |
| 3.3.2 Suicídio Egoísta em Idoso..... | 60 |
| 3.3.3 Suicídio Egoísta e Narcisismo | 61 |
| 3.3.4 Suicídio Altruísta..... | 62 |
| 3.3.4.1 Suicídio Altruísta em mulheres após a morte do marido | 63 |
| 3.3.4.2 Suicídio Altruísta em homem idoso | 64 |
| 3.3.4.3 Suicídio de clientes ou servidores por ocasião da morte de chefe | 64 |
| 3.3.5 Suicídio Anômico | 65 |
| 3.3.6 Suicídio Fatalista..... | 67 |

| | |
|---|----|
| 3.3.7 Reflexões sobre o Direito entre a Vida e a Morte | 68 |
| 3.4 O suicídio e a alma na visão de Hillman | 69 |
| 3.5 O suicídio como um espetáculo | 71 |
| 3.6 Síntese | 74 |
| CONCLUSÃO | 77 |
| REFERÊNCIAS | 83 |

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo entender a problemática do suicídio na sociedade contemporânea, por se considerar este um dos problemas mais alarmantes da vida. Levando em consideração que a sociedade atual é marcada por abruptas mudanças inerentes no desenvolvimento psicológico do indivíduo, apresentou-se a perspectiva de que a cultura de consumo¹ pode acirrar no sujeito o sentimento de vazio existencial ao ponto de cometer o suicídio.

É de suma importância conhecer essa realidade, pois Segundo a OMS² (Organização Mundial de Saúde) a cada 40 segundos morre uma pessoa no mundo em decorrência do suicídio. O Brasil encontra-se em oitavo lugar nos indicadores mais altos, com uma incidência entre a idade de 15 a 29 anos. Esse dado é bastante significativo e alarmante, por se tratar de morte provocada numa faixa etária muito jovem.

Desse modo, foram levantadas algumas questões com a finalidade de buscar resposta para essa problemática que aflige a sociedade na atualidade. Sendo formulado: De que maneira o estilo de vida contemporâneo está mobilizando o sentimento de vazio? Os valores distorcidos e difusos estão provocando o risco de suicídio? As novas tecnologias conseguem preencher o vazio existencial? As exigências da sociedade podem levar o indivíduo ao suicídio? A partir dessas questões que nortearam a pesquisa procurou-se um problema central: De que maneira uma cultura do consumo pode levar o indivíduo a consumir sua vida?

A partir das questões norteadoras levantadas acima foi possível delinear o seguinte objetivo geral: identificar a influência da cultura do consumo para o vazio existencial e o risco de suicídio. E como objetivos específicos: identificar a relação entre a cultura do consumo e o suicídio, mostrar a contribuição da Psicanálise para a compreensão do vazio existencial e o risco de suicídio; e identificar os tipos de suicídio.

Mediante esses objetivos buscou-se constatar se na atualidade a economia de consumo tem instigado no indivíduo uma agilidade para encontrar um espaço

¹ Termo utilizado por Zygmunt, Bauman que será definido mais especificamente no segundo capítulo.

² LETRA, Leda. *Rádio ONU em Nova York*. OMS. Alerta que mais de 800 mil pessoas se suicidam por ano no mundo. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2015/09/oms-suicidio-causa-uma-morte-cada-40-segundos-no-mundo>>. Acesso em: 10 set. 2015.

potencial? Será que esse cenário, além de instigar mudanças na economia, estaria influenciando na forma do indivíduo lidar com a vida? O progresso com seus avanços estaria invadindo nosso cotidiano ao ponto de exigir um estilo de vida que possa acompanhar um tempo acelerado? Ou ainda, será que a pressão social para o indivíduo fazer sempre mais, pode levar a um sentimento de vazio?

Portanto, diante de variados e novos estímulos que a tecnologia oferece, o ser humano parece ter dificuldade de relaxar para que o corpo possa desacelerar. Assim, corroborando com o ponto de vista de Santi³, que formula, que os sintomas na clínica contemporânea vêm se modificando, surgindo pacientes com sintomas que não são bem definidos, com falta de contornos, mal-estar difuso e com vazio existencial. Tudo leva a crer que o aprofundamento sobre esse mundo pós-moderno pode ajudar na compreensão do vazio existencial, ou, no caso do nosso tema, também novos estudos para compreender a ameaça do suicídio dentro desse contexto.

A escolha por essa temática partiu da trajetória no consultório de Psicologia. Quando se observou o aumento de pacientes que estão com a queixa de que a vida se encontra esvaziada de sentido, sem saber que direção tomar, nem o que fazer para resolver os conflitos internos. Entre estes, alguns falam no suicídio como uma possibilidade. Então, em uma direção que contextualiza a aplicação da teoria e a prática, mestrado na linha de Dimensões do cuidado, possibilita um olhar para o cuidado com a vida.

A partir desses pontos levantados, foi feito um estudo bibliográfico de autores que discorrem sobre a cultura do consumo e o suicídio. Entre esses, sociólogos, psicólogos, teólogos, tais como: Émile Durkheim, Zygmund Bauman, Guy Debord, Sigmund Freud, Joel Birman, Richard Sennet, James Hillman, Lisette Weissman, Fernanda Marquetti, Lucianne Menezes, Pedro Santi, Gilles Lipovetsky, além de trabalhos científicos que destacam essa temática.

A pesquisa foi desenvolvida em três capítulos: no primeiro encontram-se considerações sobre as novas subjetivações na contemporaneidade e o vazio existencial, considerando as novas configurações familiares como promotoras do desamparo. No segundo são elucidadas a cultura do consumo e seus impactos para o risco de suicídio, e no último são abordados os tipos de suicídio, apontando que o

³ SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. *Desejo e Adição nas Relações de consumo*. São Paulo: Zagodoni, 2011. p. 10.

indivíduo pode buscar várias saídas para eliminar a dor do vazio existencial, uma delas, o suicídio.

Finalmente, são feitas considerações sobre o referencial abordado, destacando que o estudo sobre o suicídio é um caminho árido. E para isso buscou-se refletir sobre a sociedade de consumo, como indicativo da experiência humana na contemporaneidade, embasadas na ótica de autores que consideram o consumo como um sintoma de degeneração social.

1 A SUBJETIVIDADE E O VAZIO EXISTENCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Esse capítulo tem o propósito de refletir acerca das mudanças que estão ocorrendo no âmbito familiar e social, considerando que essas têm alterado as novas subjetivações e a forma de ser e estar em sociedade. O aprofundamento sobre o tema se faz necessário, em virtude dos novos sintomas evidenciados na atualidade como o sentimento de vazio, dificuldade de sentir prazer nos relacionamentos, e a falta de sentido na vida. Para chegar a esse propósito, buscou-se apoio inicialmente em Joel Birman, que “afirma que as formas de dor e sofrimento na atualidade têm relação crucial com a estrutura moderna da família.”⁴

Birman aponta que Freud já enunciava a existência de certo modelo de família que poderia provocar adoecimento no indivíduo. Nesse sentido, considera-se importante fazer um breve percurso sobre as mudanças ocorridas nas estruturas familiares, para poder diferenciá-las na atualidade. Com o intuito de identificar no final do capítulo a influência destas mudanças para o surgimento do vazio existencial na contemporaneidade e o risco de suicídio.

1.1 A visão da Psicanálise sobre a Família

Freud não retrata especificamente sobre a família, porém destaca a relação da criança com as figuras parentais, considerando que é nessa relação que o psiquismo se estrutura. Em seu texto *Os Três Ensaios Sobre a Sexualidade* “coloca que durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazer as suas necessidades e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama.”⁵ Ressaltando o quanto a relação da criança com o cuidador causa excitação e satisfação.

No entanto, Freud formula que o excesso de amor pode ser nocivo, pois poderá motivar várias condutas na criança, uma sexualidade precoce, não conseguir abdicar do primeiro amor, ou ainda não se contentar com pouco amor. E um dos

⁴ BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, vol. 40, n. 72, p. 47-67, jun. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04./jun2007>>. Acesso em: 20 dez. 2015, p. 47.

⁵ FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas, ESB, v. 7, Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1901-1905]. p. 137.

prenúncios da neurose seria a criança ser insaciável na demanda de amor. Por conseguinte, acrescenta que pais carentes tem uma tendência a exibir um amor excessivo, na tentativa de desejar que a afeição dos filhos aumente em relação a eles. Tentam assim compensar nos filhos o que eles mesmos não tiveram. Em contraponto à ausência de amor, o autor coloca que o amor moderado serve de modelo para os filhos conseguirem maturidade na busca de seus relacionamentos futuros, e poder ensina-los a serem menos egoístas em relação ao outro.

As primeiras relações estabelecidas na infância com a figura materna, paterna ou cuidadores são fundamentais para a formação da subjetividade do sujeito e influenciam as relações futuras. O primeiro objeto de amor do bebê é a mãe, e o pai se torna obstáculo nesta relação de amor, é através da intervenção paterna, da percepção da criança de que a mãe não lhe pertence que ela renuncia seu desejo pela mãe. Isso possibilita o amor pelo pai e a tendência a buscar outros objetos de amor. Por isso, é importante que a criança consiga elaborar a primeira relação amorosa.

Portanto, a elaboração da perda do objeto amoroso infantil permite que a criança possa se afastar dos pais sem se sentir desamparada e, por conseguinte internalize as normas e preceitos sociais. Uma criança com o tipo de ligação infantil é suscetível a ter uma conduta de fragilidade e necessidade de proteção emocional, dificultando sua relação como o outro, em algum estado não consegue abdicar do prazer e entra numa realidade de que não pode ter tudo, por não ter internalizado a barra o limite.

Considerando sobre a família do século passado constituída de pai-mãe-filho, “tradicional”, era submetida à autoridade paterna. Mas devido excessivas mudanças no contexto social, foi substituída por um tipo onde a centralidade não parte exclusivamente da figura paterna, e sim daquele que possui papel de destaque no lar, a mulher ou homem ou ambos.

Para Roudinesco esta “família moderna foi constituída com base no amor romântico, e sua configuração baseada no modelo de afetividade.”⁶ Para a autora esse tipo de constituição familiar tornou-se frágil, onde os laços podem se romper com facilidade, assim possibilita insegurança nas relações entre os parceiros e os filhos. Diante desse aspecto quando a sensação de abandono prevalece, é sentido

⁶ ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 12.

como se o amor estivesse sempre ameaçado. Esse novo formato parece trazer percepção de vazio, em que a conduta se apresenta com certo desligamento por temer sofrer pela falta de amor ou em outros casos um apego excessivo provocado pelo desamparo.

Todavia, Roudinesco formula que essa mudança faz com que os valores tradicionais fiquem ameaçados. Sendo assim, surgem novas configurações de famílias; homossexuais, monoparentais, recompostas, homoparental com uma liberdade de valores, deixa de ser um exemplo de vigor. Nesse novo formato a atitude é de retraimento em que cada um se comporta de forma individualizante. Para Roudinesco, a família contemporânea foi mutilada.⁷

Corroborando com esta percepção, Terezinha Carneiro em entrevista a Decourt aponta que:

Na família tradicional, os papéis, as regras, os limites, a transmissão de hábitos e valores eram muito mais rígidos. Na família contemporânea, a educação dos filhos tem sido muito mais delegada à escola e aos meios de comunicação, e os cuidados aos especialistas. Podemos até dizer que estamos assistindo a um declínio da autoridade paterna. Mas, sem dúvida, os pais e as mães estão hoje com muita dificuldade de exercer sua necessária autoridade. A família não é um grupo de iguais. Querendo que a família seja democrática, os pais confundem autoritarismo com autoridade. Os pais parecem se sentir impotentes e confusos em relação ao uso de sua autoridade, e os filhos parecem estar onerados com as consequências de uma pseudo autonomia e de um excesso de expectativas em relação às múltiplas competências que devem demonstrar. A família precisa ser hierarquizada, pois os filhos, para se desenvolverem de forma saudável, necessitam, da autoridade parental.⁸

Sobre esse assunto, Zanetti e Gomes⁹ frisam que no período da modernidade os saberes especializados invadiram a família, passando a tarefa de educar os filhos para os técnicos especializados e desqualificando o saber natural dos pais. Esta interferência propiciou o enfraquecimento da autoridade paterna, ocasionando a perda do papel da família em transmitir a cultura, antes delegada ao pai. Deste modo, influenciados por uma crença de que existe um modelo ideal de

⁷ ROUDINESCO, 2003, p. 8.

⁸ DECOURT, Marcela. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneos. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, vol. II, n. 4, 2007. p. 4-5. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/pdf/resenha_03.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2015.

⁹ ZANETTI, Sandra e GOMES, Isabel. A ausência do de autoridade na família contemporânea brasileira. *Psico*, vol. 40, n. 2, p. 194-201, abr/jun. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/download/3726/4532>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

educação, os pais acabaram renunciando ao exercício de orientar os filhos e proporcionar uma conduta moral, ao deixar de imprimir as regras.

Apesar desta inferência, Zanetti e Gomes¹⁰ formulam que o discurso especializado surgiu com o objetivo de orientar os pais, sugerindo um melhor método de educação, e cuidados com os filhos. Entretanto, esse discurso acentuou a conduta dos pais em querer expressar afetividade excessiva, anunciando um sentimento de amor exagerado, ao ponto de terem dificuldade em dizer não e colocar limites nestes. Os filhos então passaram a ser o centro das atenções e possíveis ditadores das regras no lar.

Como resultado, surge insegurança, medo, fragilidade e falta de limite no âmbito familiar, e o aparecimento de um novo modelo de família, no qual o lugar do pai, o lugar da ordem, foi enfraquecido, e ocupado pelo social. Assim, os pais acabam se perdendo na tarefa de orientar seus filhos, e em nome do amor, não permite que estes internalizem a Lei, o limite. Diante dessas assertivas, a subseção seguinte apresenta concepções acerca das implicações que essas mudanças geraram na família contemporânea e em suas subjetivações.

1.1.2 A família contemporânea

A família contemporânea de acordo com Roudinesco¹¹ tem sua união embasada na busca de intimidade e sexo. E devido às transformações da atualidade esta união tem probabilidade de durar cada vez menos, justamente pela facilidade do desenlace, e pela solução judicial mais viável, o divórcio. Zanetti e Gomes¹² apontam que as mudanças nos valores sociais na contemporaneidade, permitem que as relações sejam superficiais, e a família, em função disso, apresenta uma composição frágil, promovendo o surgimento de novos padrões de comportamento. Com relações instáveis sem compromisso com o outro, voltando-se mais para os desejos de fórum íntimos, os de ordem narcísica.¹³

Diante disso, Zanetti e Gomes embasados na obra do historiador norte-americano Christopher Lasch, afirmam que as relações entre os membros desse tipo de família estão condicionadas a uma atitude em que a preocupação contempla o

¹⁰ ZANETTI; GOMES, 2009, p. 196.

¹¹ ROUDINESCO, 2003, p. 68.

¹² ZANETTI; GOMES, 2009, p. 199.

¹³ Essa ideia de uma cultura do narcisismo foi defendida por Christopher Lasch, que será conceituada no próximo capítulo.

próprio eu e não mais a família. Isso repercute na promoção de um egocentrismo, cujos efeitos pode gerar ganância e a exclusão social, exacerbando a competição e o individualismo que se potencializa-se em “salve-se quem puder.”¹⁴

Neste contexto, Borges e Magalhães¹⁵, destacam que a família estaria se movendo de acordo com a trajetória de vida de cada membro, constituída nas relações de classe, etnia e de gênero. Portanto, ela deixa de ser entendida como algo composto, em que os papéis eram integrados, passando a ser configurada a partir da interação individual, em que as normas de conduta não são dadas, mas elaboradas pela articulação das trajetórias de cada membro, o que na visão dos autores faz com que os filhos demorem a se tornar adultos.

Freud no texto *A Moral Civilizada e a doença nervosa moderna*¹⁶, coloca que as mudanças na civilização moderna provocaram a doença psíquica, pois a manutenção do progresso demanda um grande esforço mental no indivíduo. Identifica que o surgimento das novas tecnologias possibilitou alteração na sociedade, conduzindo à rapidez das ações em meio a uma agitação, que tornou a vida urbana intranquila. Deparando-se com uma velocidade, o homem exausto, tenta buscar refúgio nos prazeres imediatos. Essa busca despertou paixões e sensualidade, propiciando o desprezo pelos princípios éticos.

Ainda no mesmo texto anuncia que o surgimento do erotismo da família monogâmica resultaria em adoecimento, deixando o filho sem atributo para alcançar uma virilidade. E as expectativas dos pais para com os filhos podem provocar um desejo no filho de querer superá-los. Desejo, este, muito conflitante para o filho, diante de uma sociedade exigente. Na subseção seguinte levanta-se consideração sobre o formato da família monoparental e como sua forma de construção pode dificultar o vínculo, promover insatisfação, falta de confiança e desamparo.

¹⁴ ZANETTI; GOMES, 2009, p. 198.

¹⁵ BORGES, Caroline; MAGALHÃES, Andrea. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *PSICO*, vol. 40, n. 1. p. 42-49, jan/ mar, 2009. p. 43. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

¹⁶ FREUD, Sigmund. *A moral civilizada e a doença nervosa*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (v. IX). Rio de Janeiro: Imago, [1906-1908]. p. 99.

1.1.2 Famílias monoparentais

Weissmann¹⁷ aponta que a família monoparental surgiu do movimento feminista que reivindicava, entre outras questões, a liberdade da vida sexual e o reconhecimento de “mães solteiras” serem a única figura de autoridade. Através da teoria psicanalítica, a autora fez um estudo sobre essa nova modalidade de família.

Com base nas suas experiências clínicas em análise de casos de família composta por mães e filhos, em que a gestação parece ter sido suscitada por uma decisão materna, em que os pais não compartilharam o nascimento nem acompanharam a criação dos filhos. Weissmann¹⁸ se arrisca em afirmar que essa condição resulta no novo ordenamento familiar, constituído em um espaço de invenção com a condição de surgir um ser psíquico individual. Diante dessa perspectiva, a autora indaga qual o lugar que cada integrante ocupa nessa estrutura familiar?¹⁹ Apontando que a queixa principal em sua prática clínica seria a não aprovação da mãe na conduta do filho, o que culmina em brigas. E devido à agressividade materna, de uma atitude tirânica o filho adolescente se sente desamparado.

Para Weissmann²⁰ “a família mostra-se sem borda, no lugar onde a pulsão não tem limite”, e a borda que separa a família do social está representada pela rua, que entra como uma presença dentro do lar. E o adolescente desamparado de outra figura que o possa amparar, teria que aprender a se defender e cuidar de si mesmo. Por isso Weissmann questiona: onde os filhos podem encontrar um modelo identificatório e espaço de aconchego para as suas dificuldades e mudanças?²¹ Considerando que não tem a figura paterna como base, a autora avalia que a rua entra no espaço de aconchego para as dificuldades, e passa a ser um espaço que fica fora do limite imposto pela mãe. A autora aponta outras situações que podem provocar o desamparo.

O modelo de família monoparental pode suscitar desamparo social, por se tratar de um lar como uma única figura parental, que diminui a renda familiar, não tendo outra fonte de recurso, seja porque deixa a

¹⁷ WEISSMANN, Lisette. Família monoparentais: um olhar da teoria das configurações. São Paulo: casa do Psicólogo, 2009. p. 152.

¹⁸ WEISSMANN, 2009, p. 179.

¹⁹ WEISSMANN, 2009, p. 159.

²⁰ WEISSMANN, 2009, p. 183.

²¹ WEISSMANN, 2009, p. 191.

mãe e filhos em situação de abandono diante da falta do pai, seja por se tratar de mães com pouco preparo para cuidar do filho.²²

Em continuidade considerando o ponto de vista de Guimarães Rosas²³ elucida que a dificuldades nos vínculo, nesse tipo de família, impossibilita a fluidez dos processos de crescimentos dos membros, onde cada um se freia entre si e na relação, ficando contidos, impedido de ter um processo vital e saudável entre eles para se conseguir viver e conviver.

1.2 Do desamparo ao vazio existencial

Na seção anterior buscou-se fazer uma descrição da dinâmica familiar para levantar questões que evidenciam o desamparo na família contemporânea. Para os autores consultados, esse desamparo surge pela falta da lei do pai ativa, que possa separar a criança do desejo pulsional materno. Com isso, a presente seção mostra a relação entre o desamparo, a subjetividade contemporânea e seu vazio existencial.

1.2.1 Do desamparo ao vazio

A decisão de esclarecer sobre o desamparo ocorreu em função de delinear a relação entre o desamparo e o vazio, considerando que na atualidade algumas pessoas estão com sentimento de vazio e solidão expressa na forte necessidade de ter a presença do outro. Para tanto, buscou-se fazer um breve percurso em Freud e outros autores mais atuais acerca do tema. Com efeito, destaca-se que o desamparo, nesse contexto seria a falta de amparo, abandono, seria encontrar-se em estado de abandono e esquecimento.²⁴

Diante disso, Freud no seu escrito *Ansiedade e Vida Instintual* coloca a dificuldade com o desamparo “afirmando que muitas pessoas são incapazes de superar o temor da perda do amor; nunca se tornam suficientemente independente do amor das outras pessoas”²⁵, se comportando com conduta de apego excessivo.

²² WEISSMANN, 2009, p. 175.

²³ WEISSMANN, 2009, p. 177.

²⁴ MENEZES, Lucianne. *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 21.

²⁵ FREUD, Sigmund, *Ansiedade e Vida Instintual*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológica Completas (XXII), Rio de Janeiro: Imago, (1932 – 1936). p. 61.

Então, o perigo do desamparo psíquico estaria relacionado à imaturidade inicial do ego. Hosnstein²⁶ coloca que o primeiro desamparo sentido pelo bebê ocorre no momento do nascimento, proveniente da ruptura do equilíbrio entre o organismo e o meio ambiente. No entanto a ameaça dessa perda permanece presente.

Em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud²⁷ formula que a função da mãe seria satisfazer as necessidades básicas do bebê em relação à alimentação e a demanda de amor. Entretanto, apesar desta tendência de satisfação, a criança pode sentir angústia quando tiver que se afastar do objeto amado, por sua dependência amorosa em relação ao protetor onipotente.

Já no texto *Inibição Sintoma e Angústia*²⁸, Freud retrata sobre o desamparo original do ser humano. Formula que em função da perda da alimentação, o bebê passa a temer a perda do objeto amado. Sinaliza que a criança tem uma tendência a ficar ligada à mãe, pois a ideia de sair desse lugar de proteção significaria ficar em desamparo e entrar em tensão. Diante dessa premissa, percebe-se que essa primeira experiência possibilita o preparo para lidar com as frustrações futuras.

Desse modo, Freud²⁹ coloca que devido ao temor de perder o amor dos pais o bebê incorpora os valores e as proibições, possibilitando o surgimento do superego que assume a função de punir o ego sobre as pulsões desejantes. Logo, o superego surgiria decorrente da passagem do amor à mãe para o amor ao pai, inscrevendo as leis no psiquismo infantil.

Nesse sentido, Menezes³⁰ aponta que quando o pai cumpre a função paterna possibilita a criança exercer um controle sobre o objeto perdido. Tirando a criança do mundo de onipotência, do controle, para o processo de subjetivação de uma desilusão. Dessa maneira, a criança consegue suportar o seu desamparo, com a convicção de que não existe uma proteção absoluta, encontrando finalmente com a solidão, com a finitude, e a individualidade. Portanto, considerando esse ponto de vista, pode-se inferir que quando isso não ocorre pode instalar-se no sujeito o

²⁶ HORNSTEIN, Luis. *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*, Trad. Rebeca Ferreira. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudo Psicanalítico, 2009. p. 125.

²⁷ FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. Edição Standard Brasileira Obras Psicológica Completas (v. XXI), Rio de Janeiro: Imago, [1927-1931]. p. 32.

²⁸ FREUD, Sigmund. *Inibição Sintoma e Angústia*: Edição Standard Brasileira Obras Psicológica Completas (v. XX), Rio de Janeiro: Imago, (1925 [1924]). p. 90.

²⁹ FREUD, (1925 [1924]), p. 88.

³⁰ MENEZES, 2012, p. 73-74.

sentimento de abandono e vazio, sem saber que caminho seguir, o mundo pode torna-se sem sentido.

Menezes³¹ sustenta ainda, que o mundo moderno está ditando experiência de desamparo. E ao tentar diminuir este, as pessoas às vezes isolam-se voluntariamente, deixa de se relacionar com o outro, assim pode atrela-se à ingestão de aditivos; drogas lícitas e ilícitas, bem como devido à vulnerabilidade despertada pelo desamparo, pode considerar o suicídio uma maneira eficaz para extinguir a dor.

A dificuldade do sujeito para encontrar amparo poderá provir de uma cultura exigente e uma família que não oferece sustentação. Desse modo, tudo leva a crer que a ausência de amparo nas relações; pode fazer o sujeito acreditar que não tem referência, sentindo-se mais um na multidão, frágil para suportar suas dores, permitindo-se desaparecer, sair de cena, por não sentir solidez na relação com o outro e com a sociedade.

Dentro do ponto de vista da psicanálise uma criança só amadurece e torna-se independente quando consegue encontrar a imagem dos pais internalizados dentro de si, e quando isso não acontece torna-se insegura para viver de forma autônoma. Sales³² coloca que em alguns estados patológicos ocorre um tipo de regressão dos estados emocionais com características infantis. E na tentativa de anestesiar o sentimento de solidão e vazio expressa uma atitude de forte dependência em manter a presença do outro. No entanto quando surge sensação de abandono, provocada pela ausência, gera forte angústia. Desse modo há uma tentativa de querer evitá-la de forma mais rápida que pode se apresentar de várias formas, uma delas, pode-se visualizar uma conduta suicida.

Outro fator relevante a ser analisado é que a falta de um superego internalizado impede limitar adequadamente o desejo pulsional no sujeito. Ao referir-se a tal assunto, Lipovetaky³³ considera que a “educação antes autoritária se tornou muito permissiva”, estimulando cada sujeito a buscar o seu desejo, ou mesmo, permitindo ficar desligado, pois na configuração atual, o sujeito pode ser o que quiser, tendo uma individualidade, pois vive-se, imerso numa flexibilidade, a fim de sobreviver a um mundo ameaçador e instável.

³¹ MENEZES, 2012, p. 103.

³² SALES, Amanda Patrícia. Angústia ou Borderline? *Revista Ciência e Vida*. Ano IX, n. 112. p. 60. Disponível em: <<http://www.portalcienciaevida.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

³³ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Miguel Serra Pereira, Ana Farias Antropos. Barueri, São Paulo: Manole, 2005. p. 9-11.

Contudo Lipovetsky³⁴ assegura que na contemporaneidade surge uma personificação das grandes sensações. Justamente pela falta de limite, de uma borda, como aponta Weissmann³⁵ nas pulsões desejastes, fazendo com que o sujeito busque sempre novas sensações. Mesmo inserido nesse contexto não se sente realizado, pleno, pois sua conduta de repetição parece levá-lo a uma monotonia. Uma sensação de vazio.

Outro aspecto levantado por Lipovetsky diz respeito ao surgimento da conduta de querer sempre sentir mais, vibrar mais, planar, através de sensações, descarregar as emoções de forma extrema e desfazer-se das sensações desagradáveis com mais rapidez. Revela-se um novo momento, em que as pessoas querem se desfazer rapidamente de suas dores. Comportamento perceptível quando se constata que algumas pessoas preferem tomar medicamento, ao invés de buscar investigar os motivos de suas angústias. Para tanto, o autor pondera que vive-se atualmente uma nova subjetividade, configurada como a “A era do vazio, uma sociedade pós-moderna que reina a indiferença de massa, em que predomina o sentimento de saciedade e de estagnação”³⁶, questão essa delineada na seção seguinte em que todas as citações do autor foram retirada da obra descrita.

1.2.2 O vazio existencial na contemporaneidade

Gilles Lipovetsky³⁷, no livro *A era do vazio*, “propõe que o consumo em massa está influenciando na nova subjetivação da sociedade pós-moderna, levando à desagregação dos costumes, da sociedade e do indivíduo. Surge um novo modo de socialização e individualização que rompe com os modos do século passado”. O autor considera que devido à influência de valores hedonistas, pela imagem, pelas informações e a permissividade, o indivíduo contemporâneo tem modificado sua subjetivação. Uma nova lógica de comportamento se faz presente, nomeada por ele como processo de personificação.

Lipovetsky³⁸ sustenta que nesta nova fase de individualismo aparece a diversidade e um incompatível modo de vida, que caracteriza uma flutuação nas

³⁴ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Miguel Serras Pereira, Ana Farias Antropos. Barueni: Manole, 2005. p. 10. (Na presente pesquisa as citações do autor foram retiradas desta obra).

³⁵ WEISSMANN, 2009, p. 183.

³⁶ LIPOVETSKY, 2005, p. 11.

³⁷ LIPOVETSKY, 2005, (prólogo).

³⁸ LIPOVETSKY, 2005, p. 8.

crenças e nos papéis estabelecidos em sociedade. Assim, pontua que na atualidade surge um desinvestimento: na família, no Estado, no poder, no trabalho, na igreja entre outros; onde essas instituições deixam de funcionar como princípios intocáveis e incondicionais. Mediante isso, a atitude do indivíduo é de pura indiferença com os valores das instituições citadas, provocando um aniquilamento em grandes proporções, pois essa civilização se identificou com o nada e a morte.

Em relação à família, Lipovetsky³⁹ menciona que a mesma encontra-se desacreditada. O casamento com pouca duração, o divórcio, a não preocupação com os mais velhos que são expulsos dos lares, a conduta dos pais que não querem crescer, desejando ser sempre jovem, a liberdade das relações entre os casais e a legalização do aborto, são algumas das questões que direcionam a essa descrença. No entanto, Lipovetsky formula que o sistema continua funcionando livremente, sem direção e sem sentido, mas sob a égide de um vazio emocional. Mesmo com a valorização das especialidades, que dão a impressão que funciona, a atualidade está limitada ao vazio, configurando a permanência da vida em um ambiente fluido.

Assim, o efeito dessa indiferença mediante a vida na Pós-modernidade, está levando ao pessimismo e ao vazio de sentido, fazendo com que o sujeito desconecte seu desejo das composições coletivas. Contudo, Lipovetsky pontua que existe também uma atmosfera que circula para desprender a emoção e afastar as inquietações. Observa-se isso nas ações que incentivam o indivíduo a ir para academia, fazer yoga ou meditação, como uma forma de se livrar das aflições. O autor afirma que os indivíduos estão inseridos em uma época em que “tudo pode”, onde a indiferença é condição para a descoberta do motivo em relação ao conflito. Assim sendo, não existe aprofundamento no sentido das coisas. A falta de interação nas relações afetivas, bem como a falta de vontade e a incapacidade para amar centralizam comportamentos atuais.

Diante dessa lógica, proposta por Lipovetsky, pode-se questionar, será que é possível viver, sem que a vida tenha uma finalidade de sentido?⁴⁰ Nesse parâmetro proposto pelo autor, talvez isso seja possível, considerando que o sujeito possa viver de uma forma flutuante, drogando-se, vivendo o prazer libidinal de forma imediata, sem se implicar com suas dores e sem precisar buscar um sentido para sua vida. No entanto, o que se percebe é que na atualidade, algumas pessoas estão

³⁹ LIPOVETSKY, 2005, p. 20.

⁴⁰ LIPOVETSKY, 2005, p. 20.

vivendo um grande vazio. O que para Lipovetsky “remete à falta de sentido na vida, pois o indivíduo vive sem sentido para evitar os devaneios nostálgicos.”⁴¹

O autor faz notar também que o momento se configura pela personificação do corpo, onde o “corpo é sexo”, é a representação da imagem do sujeito, devendo ser cuidado, amado e exibido. Ele passa a ser um instrumento de sensualidade, antes ocultado em função da dignidade, hoje exposto, exibido naturalmente nas praias de nudismo. Portanto, o corpo se tornou pessoa, tendo que ser acarinhado e desejado. Uma imagem que precisa ser exaltada.⁴²

Nessa perspectiva, Lipovetsky explicita que o corpo se torna instrumento de uma nova subjetivação, através da crença de que esse pode adquirir experiência e ser explorado como “capital libidinal.”⁴³ Então, a atitude de um corpo parado é descartada em função da agilidade, para atingir mais experiência, e o sujeito vai circulando com vários parceiros, sejam estes, homem ou mulher. Ou seja, não se norteia por uma disciplina, uma escolha, mas pela sedução e realização do desejo pulsional que nunca é saciado.

Ademais, Lipovetsky⁴⁴ afirma que na atualidade existe uma tendência das coisas ficarem obsoletas com facilidade, em função da rotatividade e velocidade das informações. Desse modo, a apatia surge da informação ser veiculada, mas retirada abruptamente, à medida que novas cenas se tornem um novo espetáculo. Levando em consideração a tese de valorização na imagem, é possível inferir que alguns indivíduos podem desejar fazer parte da cena, ser o espetáculo, a cena principal, e desejar ter sua vida vinculada a uma marca na sociedade para se sentirem inclusos nesse meio.

Nos casos em que percebe que o lugar da fama, da imagem é temporário, o desejo de existir pode perder o sentido. E o suicídio é visualizado como uma saída por não aprender a lidar com dor, carência e vazio de uma forma adequada, pode adotar uma conduta impulsiva para fugir do que o angustia. Podendo fazer uma atuação, requisitada por uma saída de cena. Nesse cenário, o suicídio pode ser

⁴¹ LIPOVETSKY, 2005, p. 20.

⁴² LIPOVETSKY, 2005, p. 29.

⁴³ **Nota de Rodapé:** Capital libidinal: tese de que a incitação e a administração do gozo transformaram-se na verdadeira mola propulsora da economia libidinal da sociedade de consumo. SAFATLE, Vladimir Pinheiro. Por uma crítica da economia libidinal psicanálise e cultura, *Revista IDE*, São Paulo, vol. 31, n. 46, p. 16-26, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a04.pdf>>. Acesso em: 11 maio. 2016.

⁴⁴ LIPOVETSKY, 2005, p. 21.

configurado como um espetáculo⁴⁵, onde o corpo do suicida sendo a representação de dor, abandono, angustia e desamparo. Essa percepção do suicídio está aprofundada no último capítulo da dissertação.

Por outro lado, na era do vazio, como evidencia Lipovetsky⁴⁶, o indivíduo mostra uma vulnerabilidade, uma tendência à generalização da depressão, angustia. Assim, o autor questiona o que acontece quando ocorre um desinvestimento da vida, onde nada é poupado? Acrescenta: Seria o surgimento do suicídio? Essa questão levantada pelo autor direciona a perspectiva de um paradoxo, pois a liberdade para fazer múltiplas escolhas não está proporcionando felicidade, mas adoecimento. Haja vista que o olhar de que tudo é possível, a fluidez das coisas, a liberdade para ser e fazer o que quiser, deveria instigar ao desfrute de uma vida feliz, prevenindo o sujeito do suicídio. Porém, não é isso que está acontecendo, algumas pessoas estão se sentindo infelizes e predispostas a cometer o suicídio.

Nesse aspecto, Lipovetsky aponta que a postura do indivíduo é de descontração, uma conduta desarmada para encarar os problemas, e por que não inferir, infantil, podendo provocar um comportamento estressor de quere se desfazer rapidamente do problema. Em relação a essa questão, Marquetti⁴⁷ considera que mesmo as pessoas que fazem exercício, tem uma atividade, uma agitação, acabam por se tornar repetitivas, e sua disposição passa a ser mecânica. Gerando um comportamento comum. Assim sendo, a vida parece entrar na banalização, ficando repetitiva, sem graça, monótona. Aliado a isso, por não possuir defesa e diante dos estresses do cotidiano, fica muito susceptível a fraquejar no momento em que encontra alguma adversidade.

No mais, Lipovetsky⁴⁸ acrescenta que o cotidiano causa certo incômodo, onde envelhecer, engordar, educar os filhos, torna-se um estresse que pode provocar um problema impossível de ser resolvido. O autor formula que o sujeito contemporâneo é obcecado por si mesmo, tem dificuldade de estabelecer relações saudáveis com o outro, e experiência certa solidão em meio à multidão. Essa forma

⁴⁵ **Nota de Rodapé:** Suicídio como espetáculo, tema defendido por Fernanda Cristina Marquetti, em seu livro *o Suicídio como Espetáculo na Metrópole*. A autora coloca que o modo de sentir, pensar e agir, sendo norteado pela lógica de um consumo imediato, o tempo de vida pode ser reduzido, em função da ideia que hoje não se pode ter mais tempo para pensar, para refletir sobre os dilemas internos. Esse tema será conceituado mais detalhadamente no último capítulo.

⁴⁶ LIPOVETSKY, 2005, p. 45.

⁴⁷ MARQUETTI, Fernanda. *O suicídio como Espetáculo da Metrópole: cenas, cenários e espectadores*. São Paulo, Editora Fap-Unifesp, 2011.

⁴⁸ LIPOVETSKY, 2005, p. 45.

de conduzir a vida, em que há a priorização do prazer individual, permite visualizar a vida como esvaziada de sentido. Assim, na próxima seção abordam-se considerações sobre o narcisismo, para melhor compreensão de como o amor a si mesmo está modificando os ideais do sujeito na atualidade.

1.3 O narcisismo e a formações de ideais

Nessa seção se abordará a influência do narcisismo no sujeito e na coletividade contemporânea. Para isso, inicia-se com as ideias do criador desse conceito, Sigmund Freud.

1.3.1 O narcisismo na teoria de Freud

O termo narcisismo foi denominado por Freud⁴⁹ “como um conjunto libidinal do egoísmo e do instinto de autopreservação” até certo ponto seria um comportamento normal, um processo primário. No entanto, mesmo ponderando uma etapa regular de todos os seres humanos, existem pessoas que permanecem nessa forma identitária de investir em si mesmos, deixando de ter interesse pelo mundo externo. Quando isso ocorre, cortam-se as relações eróticas com as pessoas e as coisas, a libido é afastada do outro e volta-se para si mesmo.

A pessoa narcisista tem admiração por sua própria imagem, essa imagem perfeita de si mesmo é definida por Freud⁵⁰ ideal de ego, que se constituiu na relação dos pais com o bebê, no momento em que estes atribuem perfeição aos filhos. Freud coloca que no primeiro momento o bebê investe a libido em si mesmo, em seguida, essa atitude é reforçada pelo olhar dos pais que supervalorizam os filhos. Os filhos, então, serão tributários de tudo que os pais não tiveram.

Nesse sentido, Freud afirma que o ego ideal é o “*self-love*”⁵¹, onde o sujeito acredita que é possuidor de toda a perfeição e valor, não consegue abandonar sua satisfação, e quando se vê perturbado por uma censura, procura recuperá-la exaltando a si mesmo, idealizando-se. Essa questão conduz a uma excessiva cobrança, pois o sujeito que vive buscando reconhecimento, ser notado, exaltado, admirado e, por que não sublinhar invejado.

⁴⁹ FREUD, Sigmund. *O narcisismo: uma introdução*. Vol. XIV, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, [1974- 1916], p. 46.

⁵⁰ FREUD, [1974 – 1916], p. 59.

⁵¹ FREUD, [1974 – 1916], p. 148.

A inveja de acordo com Rodrigues e Caniatis⁵² está sendo utilizada na contemporaneidade para dar suporte à adesão do indivíduo no contexto social. E como na sociedade de consumo a mercadoria passa a ter prestígio, o valor social de uma pessoa dentro dessa sociedade pode ser medido pela quantidade de pessoas que a invejam. Assim, a inveja passa a ser sinônima de admiração. Esse pensamento reforça a ideia de Freud sobre o *self-love*, tendo em conta que na medida em que o sujeito é visto passa a ser amado. O narcisista deseja ser invejado pelo outro, ele ambiciona a admiração.

Os narcisistas geralmente são vistos como sendo uma “personalidade”, uma pessoa importante.⁵³ No entanto, Freud acrescenta que o narcisista pode sofrer com a incompatibilidade entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Pois, a civilização é que imprime o princípio da realidade, impedindo que os desejos sejam satisfeitos. Porém esse tipo de personalidade tem dificuldade de se curvar diante do limite que a vida impõe. E quando a realidade manifesta desamparo, sentimento de solidão, vazio reage de forma agressiva, impulsiva, mimada, manipuladora, com dissociações afetivas, autoagressões e tentativa de suicídio. Direcionando a libido para a morte. Essa compreensão de Freud sobre o narcisismo é importante para formular a conduta narcisista na atualidade e seus enlaces com as tendências suicidas.

1.3.2 A coletividade narcisista e seus ideais

Lipovetsky⁵⁴ salienta que na atualidade tem se configurando um narcisismo coletivo de uma desvalorização das tradições e insegurança pelo futuro. Sendo desse modo que surge a valorização do eu. O superinvestimento no eu, altera a conduta do indivíduo em sociedade, implicando alheamento sobre sua real imagem, o desconhecimento de quem é, dificultando a relação com o outro. Estas considerações configuram novo perfil de ideais. Tendo uma individualidade de ser o que quiser, surge um espaço flutuante onde o narcisista não consegue fixar-se em

⁵² CANIATO, Angela Maria Pires; Rodrigues, Samara Megume. Olho Gordo e Furar - Olho na Sociedade do Espetáculo: Reflexões Sociopolíticas Sobre a Inveja. *IDEAS*, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/1505>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

⁵³ FREUD, Sigmund. Tipos libidinais. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, [1927 – 1931]. p. 226.

⁵⁴ LIPOVETSKY, 2005, p. 49.

um ponto, geralmente demandam muita atenção pela carência de desejar reconhecimento e outras vezes tentam afasta-se do outro pela dificuldade de apego. O que corrobora com a análise supracitada, de que, na clínica atual os sintomas do indivíduo se apresentam com uma configuração de um vazio existencial e sentimento de solidão.

Além disso, Lipovetsky⁵⁵ coloca que nessa nova era o corpo tem finalidade narcisista, é um corpo para si mesmo, que fala e tem vontade de se expressar, tornando-se um sujeito livre para vivenciar os prazeres libidinais e estéticos. No entanto, apesar da liberdade em experienciar prazeres, o autor tenta mostrar que o corpo não é livre, pois é submetido à égide de uma sociedade narcisista, onde a valorização encontra-se no ser esbelto, bonito, jovem e dinâmico.

Assim sendo, Lipovetsky⁵⁶ destaca que em função do narcisista estar voltado para si mesmo, tem dificuldade de desempenhar papel social, por não conseguir encontrar uma localização, a fluidez de ter uma liberdade de escolha o deixa solto num espaço vazio. Por consequência, por não ter um ponto de fixação, um “norte” especula-se que ele entre no vazio existencial, um ponto importante que permite a reflexão desse desencontro que pode induzir ao suicídio.

Além do mais, as transformações no âmbito familiar, como a permissividade na educação dos filhos, conduzem ao surgimento da personalidade narcisista. E em meio às relações cada dia mais conflituosas, suplantadas pela educação permissiva, os indivíduos encontram dificuldade de estabelecer papéis dentro da família. E a não identificação com a figura paterna, ausência do pai dificulta a elaboração do supereu.

Todavia, Lipovetsky frisa que o supereu aparece quando o sujeito deseja ser importante, uma celebridade.⁵⁷ Nessa conduta pode imaginar que conseguiu o sucesso, a superioridade diante do outro. E mesmo assim pode cair no vazio, quando perceber que o lugar ocupado trata-se de uma imagem. A percepção de não conseguir atingir o almejado, revela uma crítica severa ao eu que passa ser desvalorizado. É nesse momento que o risco do suicídio aparece, por que uma expectativa muito alta pode levar ao aniquilamento do ser, por se considerar insignificante para o outro para o social. Os atendimentos na clínica mostram que

⁵⁵ LIPOVETSKY, 2005, p. 58.

⁵⁶ LIPOVETSKY, 2005, p. 58.

⁵⁷ LIPOVETSKY, 2005, p. 69.

algumas pessoas chegam com pensamento suicida por se sentirem desprezadas pelo outro, não se sentem amadas e desejadas, com o narcisismo ferido.

1.4 Síntese

Diante do que foi colocado no capítulo, é possível discorrer que a nova constituição familiar em que os papéis estão intercambiando e há transformações constantes do contexto social, ocasionam o surgimento de conflitos, e o possível adoecimento do indivíduo. A instabilidade nas relações gera nos membros a sensação de insegurança e desamparo. Atrelado a isso, a atitude individualista, que faz com que cada integrante da família busque a satisfação do seu eu, também mobiliza certo desamparo dentro do lar, produzindo a crença de que cada um só poderá contar consigo mesmo.

Destarte, a permissividade na conduta dos membros, favorece a fragilidade para suportar a desordem do cotidiano. É indiscutível que o ambiente familiar favorece o desenvolvimento saudável no indivíduo. No entanto, observa-se que na atualidade as mudanças no âmbito familiares e as novas configurações têm provocado conflito e desajuste, nos papéis sociais, na perda da autoridade das figuras parentais na educação dos filhos, na função da lei e na identificação. Que contribuíram para uma significativa permanência a uma exaltação ao eu e fragilidade do indivíduo, fatores que podem levar a um estado emocional frágil sendo desorientador de uma conduta doentia e carente. E numa tentativa de eliminar urgentemente a angústia de desamparo pode levar ao suicídio.

Por conseguinte essa nova configuração familiar tem-se uma prevalência em condutas individualistas com isso, indivíduos fixados no prazer e em si mesmo, distante da sociabilidade e dificuldade de estabelecer vínculos e, por certo um mal estar que cada vez mais constituem indivíduos que cotidianamente se sentem desamparados. Portanto, além da fragilidade psíquica, o individualismo prevalece às particularidades, a desigualdade, em que os membros buscam suas singularidades. Isso repercute na relação conjugal criando fragilidade nas relações, ao tentar se preocupar com suas realizações pessoais distanciam-se das obrigações familiares e hierárquicas. E com a ênfase das relações constituídas na afetividade, tornam os laços afetivos mais frágeis não se podendo garantir quanto tempo se sustentarão, Em meio a essas mudanças é que visualiza-se o homem moderno imerso em uma

solidão. Pois ao ser visto como um indivíduo único as decisões familiares passam a serem guiadas por necessidades psicológicas individuais.

Atentar para essas questões relacionada a vida familiar nas suas formas de constituições foi importante para se entender sobre o indivíduo e seu prolongamento da vida em comunidade. Assim constata-se que o indivíduo ao se sentir rejeitado busca, saídas a fim de encontrar soluções protetoras e uma delas pode ser o suicídio. No próximo capítulo serão apontadas concepções sobre o reconhecimento do sujeito, influenciado sob a ênfase de uma sociedade de consumo, considerando que essa geram mudanças na subjetividade.

2 AS VICISSITUDES DA CULTURA DO CONSUMO

O ato de consumir é cada vez mais comum, natural, estimulado, e indicativo de status, bem estar e felicidade. Norteia a aprendizagem social do indivíduo por ser base do sistema capitalista, e predispõe ao adoecimento psíquico, justamente pela vinculação entre desejo, aquisição, consumo e descarte. Este ciclo vicioso submete o indivíduo à condição de mercadoria, coisa a consumir e ser consumida. Nesse sentido, este capítulo propõe investigar as especificidades da cultura do consumo, a adaptabilidade do indivíduo em meio a liquidez, a emergência do ter imersa no espetáculo da imagem, e o consumismo como um atenuante do vazio e propiciador do risco de suicídio.

2.1 Sociedade de Consumidores

Vive-se em tempos de liquidez, termos utilizados pelo sociólogo Zygmunt Bauman, em um processo contínuo de mudanças na esfera social que abarca a condição do indivíduo enquanto ser desejante. Na ótica do capital, as pessoas transitam da condição de produtoras para ágeis consumidoras, a força de trabalho se tornou assalariada e, logo, o trabalhador mercadoria. Mercadoria que consome e é consumida. Essa é lógica do mercado consumidor, emissora de uma cultura que modifica a forma de agir do sujeito em sociedade, traduzido como “cultura do consumo”. De acordo com Bauman, essa cultura é “a forma irrefletida do consumidor agir sem pensar no que considera ser seu objetivo de vida e os meios corretos de alcançá-los.”⁵⁸

Tem-se, dessa maneira a constituição da subjetividade do indivíduo pautada na cultura do consumo. Fenômeno que trará influência direta para a formação de sua identidade e maneira de lidar com a vida. Pois, na atualidade como enfatiza Andreia Vaz, estamos vivenciando uma sociedade da aparência, onde o que vale é a imagem, em que transparece uma exacerbação da busca pela realização pessoal e pelo engrandecimento do próprio eu.⁵⁹ Assim, suas características psicológicas

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em consumo: transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 70.

⁵⁹ VAZ, Andrei Cristiane. *Fama: um olhar Psicanalítico sobre a busca incessante pelos holofotes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 201.

são vinculadas ao que Debord⁶⁰ chamou de sociedade do espetáculo, onde a imagem nutre a possibilidade de tornar-se mercadoria vendável, e o ter sobre põem-se ao ser, o verdadeiro eu, e as identidades são construídas com base no que se consome.

Sobre estas mudanças na subjetividade do indivíduo, Melo frisa que as transformações sociais geram impactos psicológicos, as ansiedades da contemporaneidade são reflexos do modo de vida histórico de uma atualidade sempre em transição.⁶¹ E o consumo, como retrata Bauman, é um atributo da sociedade, mas “assegura que numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação”⁶² Para o autor, o ser humano pode conduzir seu comportamento pelo que almeja e a quantidade de bens que deseja consumir. No entanto, corre o risco de ficar insatisfeito, pois terá que saber quantos objetos deve possuir para alcançar o seu bem-estar.

Dessa maneira, o indivíduo é cotidianamente estimulado a ter bens que excedem as suas reais necessidades. Cardoso coloca que “o homem contemporâneo busca o sentido de existir preenchendo o tempo com coisas, buscando o modo de existir por meio do *ter*, e não do *ser*”.⁶³ E, Bauman argumenta que a posse de bens pode mobilizar segurança, principalmente, se o objeto for grande e bonito, representa poder e impõe respeito nas pessoas, dando uma sensação de existência segura.⁶⁴ Será que é por isso que desejamos consumir?

No tocante a essa ideia de visibilidade, Bauman⁶⁵ destaca que a pessoa que deseja alcançar a posição social almejada terá de consumir algum produto fornecido por uma loja de destaque, desse modo protege sua autoestima, pois poderá ser visto e reconhecido pelo produto que está usando. Essa influência ocorre em ambos os sexos, e até mesmo nas crianças que ficam sentindo-se abaixo do padrão, inadequadas, quando não atendem os apelos do mercado. Então, para algumas pessoas “Consumir seria investir em si mesmo, o que numa sociedade de consumidores, traduz-se em vendabilidade: obter qualidade para as quais demanda

⁶⁰ DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁶¹ MELO, Joaquim Cesário de. *Sociedade de Consumo - Parte III*. 2009. Disponível em: <<https://humanasblog.wordpress.com/tag/contemporaneidade/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

⁶² BAUMAN, 2008, p. 73.

⁶³ CARDOSO, 2014, p. 56.

⁶⁴ BAUMAN, 2008, p. 42.

⁶⁵ BAUMAN, 2008, p. 42.

o mercado.”⁶⁶ Ou seja, aquele que adquire, por exemplo, um produto da marca Nike, tem status de Nike, que consome Apple, tem status de Apple e, assim sucessivamente.

Em fim, consumir é um comportamento natural, como afirma Cardoso “somos consumidores”, porém questiona sobre a forma como o indivíduo age ao consumir, se o que consome é realmente necessário.⁶⁷ Convocando-nos a pensar se precisamos ter vários acessórios para sentir bem-estar e considerar a vida mais prazerosa. No entanto, o incentivo ao consumo de produtos provém do capitalismo, e este como frisa Miranda, é um sistema econômico social de mercado fundamentado na racionalização dos meios de produção e exploração da oportunidade para a obtenção de lucro. Isso significa que sua eficaz estratégia é substituir a cada momento produtos para atender as necessidades das pessoas que mudam a cada instante.⁶⁸

Por isso, diariamente, os indivíduos são influenciados por estratégias de marketing e pelo crédito fácil, levando a interpretação de que comprar é fácil, o difícil é existir. Tudo porque na “sociedade consumista, este, para ser sujeito tem que ser primeiramente mercadoria.”⁶⁹ Envoltos em várias possibilidades de ofertas, inevitavelmente se mistura a elas, em um tipo de consumismo impulsivo, irresponsável, descontrolado e, em certos momentos, irracional. Assim, o mercado cria condições de consumo, instigando o indivíduo à compra imediata, mas não se responsabiliza pelas consequências, deixando de considerar que o indivíduo não é autônomo, justamente por ser influenciado a comprar.⁷⁰

Além disso, as indústrias publicitárias de consumo fazem campanhas que estimulam o bem-estar, que fomentam o autocuidado fazendo o indivíduo se iludir de que está cuidando de si mesmo quando consome o produto.⁷¹ Realidade que limita sua condição de sujeito e o induz ao adoecimento psíquico. A respeito desta temática, Bittencourt considera que o homem necessita consumir, sendo uma atitude

⁶⁶ BAUMAN, 2008, p. 75.

⁶⁷ CARDOSO, Mateus. Sobre a doença de existir. *Revista de Filosofia*, ano VII, n. 95, 2014. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/95/artigo313250-1.asp>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

⁶⁸ MIRANDA, Marcelo. *Evolução do modo de Produção Capitalista*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/58190630/IFPE-Capitalismo-pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

⁶⁹ BAUMAN, 2008, p. 20.

⁷⁰ CARDOSO, 2014, p. 56.

⁷¹ CARDOSO, 2014, p. 57.

“inalienável de sua própria condição existencial”⁷², que a capacidade de buscar crescimento material é uma característica saudável para a existência. Entretanto, afirma que o problema encontra-se na disposição do indivíduo para buscar esse crescimento, o que ele pode fazer para alcançar poder e visibilidade.

Outro fator destacado por Bittencourt é que o indivíduo ao consumir o produto indiscriminadamente pode ficar com sintoma compulsivo, vislumbra uma forma “eficaz” de se preencher o vazio existencial através de dispositivos psicologicamente narcotizantes.⁷³ Freitas, corroborando as afirmações citadas, nota que a justificativa para o ato de consumir está relacionada à sensação de felicidade encontrada na aquisição dos objetos, na utilização das coisas ser algo palpável, mensurável e produzir bem estar. No entanto, o alcance do bem estar social não é sinônimo de bens adquiridos e nem equilíbrio para as relações sociais, pois a dicotomia felicidade e consumo origina uma sociedade indiferente aos laços sociais, e indivíduos mais preocupados com ter imagem indiferentes do que são.⁷⁴

Desta maneira, na premissa da sociedade de consumo não se trata apenas da satisfação de necessidades e desejos dos consumidores, mas sim afirmá-los como mercadorias, modificando estas constantemente. E, ao transformá-lo em mercadoria, o status de membro original da sociedade lhe é atribuído. Então, a dinamicidade da sociedade de consumo não é percebida apenas pela aquisição, pose e exibição de algo, e sim pelo constante movimento das coisas.⁷⁵

Destarte, em relação à potencialidade do indivíduo, a sociedade consumidora é vista como tendo “vendabilidade”. Esse tem que ter qualidade para ser acolhido pelo mercado, ou então terá que reciclar a qualidade que possui para poder demandar o interesse do mercado.⁷⁶ E nas palavras de Bittencourt, o consumismo está coligado ao processo econômico de contínua oferta, reposição e descarte de produto.⁷⁷ Desse modo, em meio a esse imaginário da cultura do

⁷² BITTENCOURT, Renato. Os dispositivos existenciais do consumismo. *Revista Espaço Acadêmico* – n. 118, março, 2011. p. 104. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/10182/6708>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

⁷³ BITTENCOURT, 2011, p. 108.

⁷⁴ FREITAS, Regys. A emergência da sociedade de consumo e a sua influência na proteção Jurídico-Penal do Consumidor. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp151945.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

⁷⁵ FREITAS, 2010, p. 100.

⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Vida pra consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁷⁷ BITTENCOURT, 2011, p. 104.

consumo, dependendo de como o homem desenvolve sua subjetividade, estará mais predisposto ao adoecimento psíquico. Condição que pode ocasionar percalços em sua maneira de lidar com as exigências da vida e alegria de viver.

2.2 A Lógica do Consumo e o Materialismo

Bittencourt⁷⁸ refere-se ao “*Homo Consumens*”, tendência de consumir compulsivamente os bens materiais disponíveis no mercado de forma impensada com a promessa de estar adquirindo felicidade, sentindo-se bem sucedido ao consumir o produto.

Diante desse aspecto o que se observa é uma despersonalização do sujeito, em que o valor da vida se destaca pela capacidade de consumir o produto.⁷⁹ Assim, como sustenta Bauman, pobre daqueles que em razão da escassez de recursos são condenados a continuar usando bens que não mais contemplam a promessa de sensações novas e inéditas. São os excluídos na sociedade de consumo, os consumidores inadequados e incompetentes, os fracassados.⁸⁰

Isso acontece porque na contemporaneidade a felicidade e a sensação de bem estar vinculam-se à aquisição de bens de consumo, a produtos atualizados, como foi visto na outra seção. Logo, as pessoas que não tem acesso ao consumismo, não irão possuir status, identidade e serão excluídas. Avaliando as pessoas que não conseguem atingir o apelo do mercado, será que essas estariam deixando de fazer parte da sociedade por não serem bem logrados socialmente?

Outro fator relevante que se contrapõem à exclusão e, ao mesmo tempo é propiciado pelo consumismo possibilitando um tipo de amparo ao indivíduo relatado por Bauman, refere-se ao fato da aquisição de bens ser uma espécie de válvula de escape diante dos desgostos cotidiano da existência.⁸¹ A assertiva de Bauman, deixa explícita a lógica e o materialismo da cultura do consumo, haja vista que o indivíduo além de ser direcionado ao consumismo, é ao mesmo tempo incitado a tornar materiais suas frustrações. Consome-se para preencher o vazio e pela inabilidade para lidar com o estar incluso em um mundo imediatista e fluído.

⁷⁸ BITTENCOURT, 2011, p. 105.

⁷⁹ BITTENCOURT, 2011, p. 105.

⁸⁰ BAUMAN, 2008.

⁸¹ BAUMAN, Zygmund. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

No entanto, como explicita Justo⁸², a preocupação do indivíduo na sociedade contemporânea não é a quantidade de bens que consome, mas a aparência do que pode consumir. Essa atitude leva à conduta de descarte, a desfazer-se dos objetos rapidamente ainda que eles possuam vida útil. O autor considera que o indivíduo “descarta mais do que acumula”. Assim, ele não consegue preencher a angústia de querer sempre consumir. Substitui objetos à medida que o mercado disponibilize novos e eficazes, não atentando para a real utilidade do que adquire.

Além disso, na ótica de Bauman a lei do mercado tanto serve para as coisas escolhidas como para as selecionadas, desse modo tanto os objetos consumidos como os seus consumidores são mercadoria, e para o indivíduo entrar no mercado tem que atender a essa solicitação. Espera-se, portanto, que esteja preparado para competir com outros membros.⁸³ E, como resultado desta exigência, a competitividade é uma das aflições que vem norteando o indivíduo capitalista. Estar apto ao mercado de trabalho, é uma das exigências à inclusão social do capitalismo.

Pereira⁸⁴ coloca que “o corpo está sujeito à lógica do mercado ao mesmo tempo em que a marca”. A autora faz uma reflexão de que o perigo encontra-se no indivíduo buscar o sentido de sua vida no consumo, e que a lógica da pós-modernidade seria “consumo, logo existo”. A atividade de consumir está presente em todas as sociedades, no entanto, não consumimos apenas por uma necessidade básica, mas, e, principalmente, por uma necessidade *status*, em que as pessoas necessitam de uma gratificação individual num imperativo de pertencimento. Sendo assim, o consumo aponta para uma ponderação de como o indivíduo está vivendo e se tem consciência de si mesmo.⁸⁵

Sobre a necessidade de ter produtos sempre atualizados ou aperfeiçoados e receitas de vida como status na sociedade de consumo, Bauman identifica que as receitas de boa vida e utilidade dos produtos têm data de validade, porém, muitos destes caem em desuso antes de chegar esta data prevista, ou seja, são inferiorizados, menosprezados e depostos do fascínio devido à competição de novas

⁸² JUSTO, Sanches Jaona. A primazia da imagem e a virtualização das relações na cultura das aparências. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 153, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22859>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

⁸³ BAUMAN, 2001

⁸⁴ PEREIRA, Viviane Andrade. *Corpo ideal peso normal: transformação na Subjetividade feminina*, Curitiba: Juruá, 2010. p. 29.

⁸⁵ PEREIRA, 2010, p. 33.

e aperfeiçoadas ofertas. Isso porque, “na corrida dos consumidores, a linha de chegada sempre se move mais veloz que o mais veloz dos corredores.”⁸⁶ Esta metáfora da corrida utilizada por Bauman, não somente traduz a facilidade com que os produtos perdem sua vida útil na atualidade, como também faz alusão ao próprio desuso do indivíduo, considerando que na era do capital ele é uma mercadoria.

Há, neste sentido, muitas áreas que o capital exige deste competência, estas requerem compras. O ser humano, então vai às compras pelas habilidades propícias ao seu sustento e pelos meios de convencer os possíveis interessados em investir nas suas habilidades.⁸⁷ Bauman, então, exemplifica alguns motivos pelos quais todos vão às compras:

Pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos; pelos modos de atrair atenção e de nos escondermos do escrutínio; pelos meios de extrair mais satisfação do amor e pelos meios de evitar nossa ‘dependência’ do parceiro amado ou amante; pelos modos de obter o amor do amado e o modo menos custoso de acabar com uma união quando o amor desapareceu e a relação deixou de agradar; pelo melhor meio de poupar dinheiro para um futuro incerto e o modo mais conveniente de gastar dinheiro antes de ganhá-lo; pelos recursos para fazer mais rápido o que temos que fazer e por coisas para fazer a fim de encher o tempo então disponível; pelas comidas mais deliciosas e pela dieta mais eficaz para eliminar as consequências de comê-las; pelos mais poderosos sistemas de som e as melhores pílulas contra a dor de cabeça.⁸⁸

O sociólogo discorre que a lista de compras não finda. Entretanto, por maior que seja a lista, a opção de deixar de fazer compras não consta nela. E a competência mais essencial nessa sociedade de fins ostensivos e infinitos é a de quem se propõe as compras com grande habilidade e nunca se sente cansado.⁸⁹ É nesta representatividade consumista que o indivíduo encontra-se imerso. O homem contemporâneo tem seu valor impregnado pelo capitalismo. Em meio à instabilidade das coisas e as mudanças abruptas, sente-se desamparado, vazio, sem uma identidade sólida, ou melhor, com uma identidade passageira, amparado na máxima de consumir para preencher seu vazio existencial. Estas características somadas ao desuso proveniente da qualidade de ser mercadoria descartável, podem produzir desde o adoecimento da psique, até manifestações autodestrutivas que nutrem a sensação de fracasso na inserção ao mundo, o suicídio.

⁸⁶ BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 86.

⁸⁷ BAUMAN, 2001, p. 87.

⁸⁸ BAUMAN, 2001, p. 87-88.

⁸⁹ BAUMAN, 2001. p. 89.

Isto vem ao encontro do pensamento de Birman, que conclui que a sensação de desamparo é a causa maior da instauração do mal-estar no contexto atual, e que o suicídio e os comportamentos autodestrutivos são alternativas para sanar esta sensação. Não obstante, o suicídio é entendido como resultado da debilidade na autoestima do indivíduo; a sociedade capitalista contribui enfaticamente para o desamparo e, por conseguinte, para o aumento de patologias suicidas.⁹⁰ No mais, a lógica do consumo e o materialismo submetem o indivíduo a uma angústia incessante, promovem a incerteza e o estado de inabilidade para aqueles que não conseguem lidar com a globalização das coisas e sua própria condição de mercadoria.

2.3 A imagem, a valorização do eu e o individualismo

Constata-se na atualidade uma valorização no eu e na imagem. Fernando e André colocam que a imagem possibilita a sedução e o fascínio narcísico, estas necessárias para a cena do espetáculo.⁹¹ Onde o sujeito precisa do olhar do outro para referendar sua beleza, essa mudança parece interferir na subjetividade do sujeito em relação a do que pensa de si mesmo.

A valorização na concepção de Vaz⁹² leva o indivíduo a buscar uma personificação que gera um grande investimento no eu e uma contínua procura pelo sucesso, assumindo uma conduta exibicionista, uma aparência própria da cultura do narcisismo. Então o valor perante o outro estaria baseado na aparência. Para Caio essa geração está perdendo o senso de pertencimento.⁹³

Por conseguinte a sociedade se torna um espetáculo, possuindo como critério a visibilidade e a fama. Por meio do consumo, adere-se à promessa do prazer imediato e pela aderência ao consumismo, o indivíduo é condenado a uma insatisfação ainda maior.⁹⁴ Deste modo, vivencia-se um tempo do empobrecimento

⁹⁰ BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁹¹ CAIO, Fernando; CAIO, André. *A era do narcisismo: aspectos da subjetividade contemporânea*. Revista, V. 27, p. 227-244, ano, 2013. Disponível em: <<http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2013/Artigo%2013>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

⁹² VAZ, Cristina Andrea. *Fama: um olhar Psicanalítico sobre a busca incessante pelos holofotes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

⁹³ CAIO; CAIO, 2013, p. 227-244.

⁹⁴ SANTI, Pedro. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/view/5077/4693>>. Acesso em: 15 out. 2014.

de referenciais simbólicos, e a excessiva valorização da imagem. Imagem que funciona como um personagem que é esculpido para atender o ideal de uma cultura. Em função do reflexo de uma cultura consumista, o homem passa a ser um novo produto que terá que vender sua própria imagem.⁹⁵

Por isso Bauman afirma que o indivíduo tem “o sonho de fugir do próprio eu e adquirir um outro feito sob encomenda”. Uma opção que não é apenas possível, porém, mas fácil, basta que ele disponha de um cartão de crédito.⁹⁶ Assim, sua subjetividade, sua realidade psíquica, emocional e cognitiva, concentra-se num esforço sem fim para ele próprio se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável.⁹⁷

Sennet⁹⁸ coloca que o indivíduo na cultura capitalista está em busca de *Status*, e que isso lhe confere uma legitimidade, a capacidade de sentir-se útil para o ambiente público, então aqueles que fazem algo de útil, passam a ter utilidade. Ao referir-se a tal assunto, Bauman esclarece sobre a liquidez da vida que não mantém a forma por muito tempo, as condições de ações vão logo perdendo a capacidade, e as coisas velhas tornam-se obsoletas. Para o autor na “sociedade-líquida-moderna a vida não pode ficar parada” tem que estar em movimento, mudar de forma, ser volátil.⁹⁹

Essas mudanças influenciam nos valores individuais moldando a forma de agir e de sentir-se útil. Cardoso faz notar que na sociedade de consumo o existir está atrelado ao adoecer, e a competição está fazendo as pessoas ficarem inseguras por não conseguirem alcançar a visibilidade desejada. Ele caracteriza a sociedade atual como narcisista, capaz de fomentar no sujeito uma valorização exacerbada do eu com uma atitude individualista.¹⁰⁰

A cultura do narcisismo foi um conceito desenvolvido por Christopher Lasch¹⁰¹ para designar a atitude individualista, a falta de interesse do passado e futuro, e uma preocupação consigo mesmo em detrimento ao outro. Desse modo,

⁹⁵ VAZ, 2013, p. 73.

⁹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 27.

⁹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida pra consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 13.

⁹⁸ SENNET, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Trad. Clóvis Martins. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 175.

⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 7.

¹⁰⁰ CARDOSO, 2014, p. 58.

¹⁰¹ LASCH, Christopher. *Cultura do narcisismo: vida americana numa era de Esperança em Declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

para o autor numa cultura narcisista existe um desinteresse pelo mundo externo, quando ele deixa de gratificar o próprio eu. Para Holmes¹⁰² o narcisista é auto-suficiente, egocêntrico e supervaloriza sua capacidade. É invejoso e incapaz de se importar com o sentimento alheio, mas em função da exacerbação, sente-se quase sempre deprimido e com sentimento de vazio.

Ainda nessa mesma linha de considerações, Cardoso enfatiza que o narcisista se perde na imagem do espelho procurando a si mesmo.¹⁰³ Por seu lado Holmes¹⁰⁴ afirma que ele tenta criar um mundo em que se sinta especial e importante, mas por trás dessa reação ocorre uma desesperança e um sentimento de vazio. As pessoas esvaziadas não tem intimidade com a vida, sentem-se inseguras e com sentimento de solidão.

Outro aspecto levantado por Holmes¹⁰⁵ é que para sobrevivermos psicologicamente, precisamos superar o narcisismo, aceitando a mortalidade. Pois do contrário “o indivíduo está condenado a morrer pelas próprias mãos”, pela insistência e exigência do narcisismo. E, nessa cultura narcisista o sucesso seria a única razão de ser do indivíduo, por ele se sentir esvaziado busca no olhar do outro a confirmação de sua importância.

Zornig acrescenta que nessa cultura “ocorre uma valorização ao olhar”, que é através do olhar que o bebê tem uma unificação do seu corpo. Logo, talvez seja por esse motivo que na atualidade está sendo dada tanta importância ao olhar. Ele é observado como um suporte do eu, uma referência ao reconhecimento de si mesmo, pois as pessoas esvaziadas de si mesmo necessitam do olhar do outro.¹⁰⁶

É válido destacar que a questão do narcisismo está relacionada com a beleza e, para Bauman esta seria sinônima de harmonia, simetria e ordem. Na concepção do autor o que é perfeito “não perde seu valor, nem se tornará supérfluo nem muito menos descartável.”¹⁰⁷ As aspirações construídas dentro desse ideal são responsáveis por uma óptica invertida da realidade, quando não conseguem atingir o ideal desejado.

¹⁰² HOLMES, Jeremy. *Conceito de narcisismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005. p. 11.

¹⁰³ CARDOSO, 2014, p. 59.

¹⁰⁴ HOLMES, 2005, p. 22.

¹⁰⁵ HOLMES, 2005, p. 29-30.

¹⁰⁶ ZORNIG, Silvia M. Abu-jamra. As teoria sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008. p. 76. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

¹⁰⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 141.

Por outro lado, Cardoso¹⁰⁸ afirma que na cultura narcisista bem como a individualidade do sujeito fica afetada, pois ele precisa do outro para obter aprovação e geralmente por referenciais externos, considerando que as questões internas não são valorizadas. Ele avalia a existência da busca pela autoidentidade, um tipo de narcisismo, onde não apenas o sucesso, mas a aparência deste, o reconhecimento da plateia como o tal é a única razão de ser do indivíduo narcisista.

A despeito desta exigência narcísica, Bauman coloca que somos convidados a fazer nossas escolhas e essas nos afetam consideravelmente por conta das incertezas. No entanto “sobre ameaça de sermos deixados para trás, não estamos à altura de nossas exigências”. Desse modo, muitas vezes somos convidados a sair de cena. E, esta cultura líquido-moderna cria insegurança, pois nossa identidade está sempre sendo modificada. O uso do objeto, como forma de identificação, exige troca contínua, por esse está cotidianamente saindo de moda. No tocante às habilidades ocorre o mesmo, logo ficam obsoletas, portanto, a cultura não valoriza a acumulação do saber nem dos aspectos internos, esses não têm muita importância, a valorização está no externo na imagem.¹⁰⁹

2.4 O utilitarismo: o bem-estar que elimina a dor

Na visão de Mill o utilitarismo está vinculado à noção de que “a felicidade é algo desejável, sendo a única coisa desejável como finalidade.”¹¹⁰ Essa ideia de utilitarismo seria a busca do prazer em si mesmo e eliminação da dor, porém esse termo na atualidade encontra-se distorcido. Pois, percebe-se que as pessoas estão em busca de prazer excessivo e imediato a todo custo, querendo extinguir a dor e o sofrimento, ao ponto de exaurir sua força e seu ânimo para viver.

Dessa maneira, a grande meta da teoria utilitarista parece promover a extinção do sofrimento ou pelo menos diminuir a intensidade, ou ainda acalmá-lo com os prazeres da existência de maneiras variadas. Então, através da “busca da felicidade pretende-se o prazer e a ausência de dor”¹¹¹, como se a vida não tivesse nenhuma utilidade sem a sensação de prazer. Mas, onde estaria essa felicidade?

¹⁰⁸ CARDOSO, 2014, p. 58.

¹⁰⁹ BAUMAN, 2005, p. 145.

¹¹⁰ MILL, Stuart John. *Utilitarismo*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal: Ed. Escala, 2007. p. 55.

¹¹¹ MILL, 2007, p. 22.

Bauman questiona o que há de errado com a felicidade? A cultura do consumo nos leva a pensar que a felicidade está no poder de compra, no entanto, ele afirma que “metade dos bens cruciais para a felicidade humana não possui preço de mercado nem se pode adquirir em loja, não se encontra no *shopping*, o amor, a solidariedade, a satisfação de cuidar de um ente querido entre outros.”¹¹² Os ganhos e bens que conquistamos para gerar felicidade podem ser reduzidos, quando percebe-se que o dinheiro não compra tudo que se deseja.

Todavia, Cardoso especula que quando a felicidade fica intrinsecamente relacionada à conquista de ter cada vez mais, a pessoa permanece numa corrida imitando os que mais consomem, para poder atrair a atenção do outro para ter admiração.¹¹³ Assim, o risco dessa limitação ocorre quando não consegue encontrar a tão sonhada felicidade, o que o faz entrar perigosamente no vazio.

Ainda nesta mesma linha de considerações Bauman¹¹⁴ sustenta que o consumidor ao usar determinada marca de grife pode pensar que adquiriu uma identidade conhecida, e a partir disso, sua felicidade se resumirá na corrida para manter essa identidade. Cardoso¹¹⁵ por seu lado coloca que o consumo é utilizado como método de fuga, e tem o intuito de escamotear, anestesiando o sofrimento. Torna-se mecanismo de alienação ou mesmo uma atitude de postergar a realidade de uma vida vazia.

Ademais, a vida vazia, a busca pela ausência de sofrimento e o consumo como propiciador da felicidade artificial e material, são questões que direcionam a dialética entre o consumo e saúde mental, pois a artificialidade e a materialidade da cultura do consumo não suprem as reais necessidades do indivíduo. E, em meio a esta problemática a saúde mental encontra-se comprometida, porque por mais que na atualidade a “doença mental” esteja sendo tratada de forma mais humanizada, tem-se multiplicado cada vez mais os distúrbios existenciais, surgindo pessoas vítimas do sexo em desalinho, das drogas e com sentimento de vazio, em decorrência do desconhecimento de si mesmo. Esse desconhecimento tem implicações nas relações afetivas, haja vista que no contato com o imediatismo o indivíduo passa a ter relacionamentos arriscados e transitórios. Sem ligações profundas, as ideias suicidas aparecem com mais força.

¹¹² BAUMAN, 2009, p. 11.

¹¹³ CARDOSO, 2014, p. 57.

¹¹⁴ BAUMAN, 2008.

¹¹⁵ CARDOSO, 2014, p. 57.

2.5 O amor a si mesmo e o descarte do corpo

Vimos até aqui como o consumir, capitaneada pelo capitalismo, se tornou substituto de uma série de valores e atitudes que norteavam a vida. Cabe agora aprofundar a relação entre capitalismo, consumo e relações sociais.

O capitalismo trouxe profundas transformações para a sociedade, e na concepção de Brasão¹¹⁶, ele agencia a dificuldade do estabelecimento dos vínculos sociais, familiares e amorosos. O prazer passou a ser transitório e a satisfação instantânea, modificando o modo das pessoas se relacionarem. Mas apesar da proposta de amar, ter se tornado enganadora as pessoas continuam desejando ardentemente amar.¹¹⁷

Nesse desejo, o amor a si mesmo saiu do segundo plano e passou a ser prioritário. Amar ao próximo como a si mesmo, na ótica de Bauman¹¹⁸ faz com que o indivíduo tenha uma concepção diferente de outra criatura viva, mas não garante a sobrevivência do ser humano. Contudo, o autor esclarece sobre o amor- próprio, indagando: o que se ama em si mesmo? Será que o amor-próprio nos agarra a vida e permite suportar as dificuldade? Ou ainda, o indivíduo ao amar passa a ter apetite pela vida? Essas perguntas são questionadas pelo autor, muito embora considere que “o que amamos em nosso amor-próprio é o nosso Eu apropriado para ser amado”. A prova do amor do outro estaria então na esperança de poder ser amado e reconhecido por este outro. Ou seja, o amor ao outro estaria em função do amor a si próprio.

Zornig citando Freud coloca que “o ser humano originalmente tem dois amores: ele próprio e a pessoa que cuida dele, sendo imprescindível o investimento do outro para que ocorra o investimento do eu.”¹¹⁹ Para a autora é na relação especular, no olhar da mãe que a criança se reconhece como sujeito. Quando não existe esse investimento a possibilidade de sobrevivência diminui, pois os seres humanos necessitam ser olhados como sujeitos desejantes pelo outro.

¹¹⁶ BRAZÃO, José C. Chaves. Vínculo e afeto na atualidade: impacto do novo capitalismo. *Polis e Psique*, vol. 4, n. 1, p. 90-109, 2014. p. 91.

¹¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 45.

¹¹⁸ BAUMAN, 2004, p. 45.

¹¹⁹ ZORNIG, 2008, p. 76.

Seguindo na ótica psicanalítica, é o olhar da mãe para o bebê¹²⁰, que faz com que esse entre na rede de significação. É este olhar que o integra na família, atravessando a lei de parentesco, que traduz os laços familiares. Em outras palavras, a interação que norteia os laços no meio ao qual o sujeito é acolhido propõe sua constituição enquanto ser desejante. Por isso, a identificação no ambiente familiar é fundamental para o desenvolvimento do sujeito.

Ao referir-se ao tema Winnicott¹²¹ aponta que os bebês que podem contar com a mãe, conseguem uma adaptação às suas necessidades, ficam com a ilusão de ter encontrado aquilo que criaram e isso é importante para uma boa saúde psíquica, pois quando a capacidade de relacionamento é estabelecida, o bebê pode reconhecer sua solidão existencial sem angustiar-se. Sabe-se um self singular em meio a um ambiente que o cuida, e por isso não se sente jogado ao vazio.

Caso o bebê não tenha essa experiência vê-se aflito pela ideia de que não há contato com a realidade externa. E isso dificulta a sua capacidade de se relacionar, podendo alcançar o amor ou permanecer no isolamento. Para o autor, esta é uma questão de vida ou morte, justamente, por conduzir à ilusão de que não vai poder ter contato com o mundo externo, ocasionando a fragilidade da psique e a sensibilidade à frustração do indivíduo.

Por isso a importância da boa interação entre mãe e filho. O investimento subjetivo da mãe no bebê possibilita, um estatuto singular para que a criança possa se reconhecer além de corpo. Na fase inicial o bebê se nutre do alimento cedido, porém essa relação vai além da satisfação de nutrição, o bebê precisa do prazer exercido pelo contato, através do olhar, da voz da mãe, que seria a expressão do amor, ele passa a se reconhecer além do corpo materno.¹²²

Os estudos de Bowlby¹²³ sobre essa temática são muito enfáticos, e denunciam que a privação nos primeiros anos de vida pode acarretar “um considerável prejuízo para a saúde mental”, pois alguns bebês que passam por privações e depois são adotados, só terão os efeitos da privação reduzidos se voltarem a ter os cuidados necessários por uma pessoa que cumpra a função de mãe. Por conseguinte, o ser humano precisará estar em contato com um outro que

¹²⁰ WEISSMANN, Lisette. *Famílias monoparentais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

¹²¹ WINNICOTT, Donald. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1999. p. 135.

¹²² ZORNIG, 2008, p. 76.

¹²³ BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fonte, 2006. p. 47.

lhe proporcione o que a mãe negou na primeira experiência. O seu estilo de vida será pautado na manutenção desse relacionamento.

Caso o convívio seja rompido, segue um sentimento de vazio, como se algo estivesse faltando. O sujeito segue na direção de tentar superar o vazio, como apontado no primeiro capítulo, geralmente pelo excesso de alimento, dinheiro e privilégios. Esse método pode até certo ponto satisfazer, mas existe uma chance de ser rompido deixando à pessoa em desespero por não encontrar mais a gratificação. A despeito disso, Bowlby afirma que mesmo que o método aparentemente dê resultados, a pressão no sentido de atividades e a intolerância à frustração tornam-se muito danosas podendo levar à delinquência, e por que não acrescentar, ao vazio existencial.

Diante das consequências da interação inadequada entre indivíduo e meio, e da provável fragilidade que advém desta interação, cabe citar a contribuição de Ferraz. O autor faz notar que na contemporaneidade os sintomas estão mais direcionados ao corpo somático, bem diferente dos primórdios da psicanálise em que os sintomas se davam ao nível da neurose, como no caso da histeria. As manifestações dos sintomas estão sendo apresentadas pela via do adoecimento, mas também pela via da ação (*acting*). O excesso não elaborado, em função da sociedade disseminar estímulo e exigências, pode conduzir ao adoecimento psíquico.¹²⁴

Nesse sentido, o corpo visto numa perspectiva psicanalítica, é considerado por Ferraz como um “resto”, que seria:

Aquilo que foi abandonado, o próprio sujeito psíquico em sua ontogênese, ou seja, o seu patrimônio genético herdado, que remanesce aquém da formação de um sujeito, e cujo funcionamento obedece aos esquemas filogenéticos ainda não singularizados.¹²⁵

Esse corpo passa a ser “resto” em sua singularidade psíquica e é impossibilitado de ser o corpo erótico desejante. Mas, por que será que isso está acontecendo na contemporaneidade? Levanta-se como hipótese que as relações frouxas não favorecem o reconhecimento do sujeito de si mesmo, como frisou-se anteriormente embasado na visão de Winnicott. A impossibilidade de identificação traz consideráveis consequências para a realidade psíquica do indivíduo.

¹²⁴ FERRAZ, Flávio Carvalho. *Ensaio Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 242.

¹²⁵ FERRAZ, 2011, p. 241.

Em vista disto, quando o corpo não é erotizado, Ferraz afirma que este fica preso no nível da demanda de necessidade, ou seja, não convertido à sexualidade psíquica. O autor considera que o corpo quando não é investido libidinalmente, fica apenas no nível somático. E esclarece que a criança procura mostrar aos pais que seu corpo não está somente limitado às necessidades básicas de alimentação, mas também tem apelos para atividades erógenas de sugar e morder. Como exemplo, ele cita que os casos de anorexia mostram claramente esta questão, pois, a tentativa de afirmar a boca quando recusa o alimento, evidencia que esta não serve somente para o propósito da nutrição, ocorrendo uma subversão libidinal.¹²⁶

Ademais, Ferraz explicita que quando o corpo se encontra no domínio da necessidade, ele deixa de pertencer a jogos mais elaborados, que são constituintes da propriedade do desejo. A consequência para o não pertencimento está num processo regressivo que tira o sujeito da determinação biológica, a natural erotização do corpo. Este passa a ter uma expressão de sentido agindo intencionalmente em direção ao outro. O encontro do eu com a realidade familiar, social, no qual as dificuldades desencadeiam os sintomas existenciais.¹²⁷ No mais, as delimitações que circundam a constituição do indivíduo, sua realidade psíquica são determinantes para a fragilidade da psique, podendo conduzir à falta de sentido na própria existência, e ao suicídio.

Em função dos conflitos psicossociais, da economia e das novas tecnologias, as emoções do ser humano contemporâneo estão perturbadas. O sofrimento psíquico está modificando seu padrão de comportamento, que se expressa através da perda do humor e desprezo à vida, tornando-se artificial, pois não sabe distinguir entre o essencial e o supérfluo. O indivíduo está vivendo com a premissa de que pode ter tudo o que quiser, é atormentado pelo desejo mal conduzido, ambiciona além de suas possibilidades, e como resultado, caminha ao encontro do descarte de sua própria existência.

Se até aqui investigou-se o processo subjetivo desse mal-estar, agora também se quer apontar a dimensão social. O ser humano tornado consumo torna-se um problema coletivo porque a aderência aos ideais capitalistas direciona ao consumo exacerbado, à condição do homem enquanto mercadoria descartável ou vendável, ao individualismo. Há impactos em todas as relações que as pessoas

¹²⁶ FERRAZ, 2011, p. 245.

¹²⁷ FERRAZ, 2011, p. 245.

estabelecem entre si, além de conduzirem ao adoecimento psicológico, ao desdobrar de psicopatologias, e direcionarem também ao suicídio.

Destarte, a visão psicanalítica apresenta a precarização contemporânea da constituição do sujeito e os prováveis impactos para as futuras interações do indivíduo. Em tempos de liquidez, em que são comuns a logicidade do consumo, o materialismo, o espetáculo da imagem, o narcisismo, a baixa tolerância à frustração, a busca pelo prazer, a indiferença à dor e o descarte contínuo do próprio eu, será possível mensurar um futuro indiferente à extinção da interação humana? Torna-se difícil mensurar uma teorização, mas pode-se sensibilizar a disponibilidade do indivíduo para buscar construir uma melhor saúde mental. Aceitando sua limitação e limites diante da vida, permitindo errar e aprender com o erro, deixando de atender a um ideal imposto por uma cultura exigente. E assim poder realizar muitas coisas de uma forma leve e criativa e ter entusiasmo de viver. Em continuidade no próximo capítulo será apontado sobre os tipos de suicídio no sentido de oferecer um novo olhar para o paciente suicida da atualidade.

3 O SUICÍDIO: DO VAZIO EXISTENCIAL AO CONSUMO DA VIDA

Esse capítulo apresenta particularidades sobre a problemática do suicídio, apontando como as crenças do passado permanecem e como a humanidade vem vivenciando e tratando esta questão na atualidade. No sentido de propor uma reflexão sobre a conduta do indivíduo na sociedade contemporânea, em relação a sua vida e morte.

Sabe-se que este percurso teórico é complexo e árido, por se tratar de um assunto polêmico. A opção por esse caminho surgiu com o propósito de poder buscar subsídio para entender essa problemática na clínica. Pois, o fato de ser um tema que remete ao maior dilema humano, faz ser cauteloso e não buscar uma maneira única de olhar e abordar. Assim, esse capítulo levanta reflexões acerca do suicídio, na tentativa de oferecer com base no conhecimento teórico uma prática mais eficaz para lidar com o paciente suicida da atualidade.

3.1 Uma breve percurso histórico sobre o suicídio

Nesta sessão optou-se por mostrar um breve percurso histórico sobre o suicídio. Para esse propósito, lançou-se mão do estudo realizado por Nery José Botega¹²⁸ em seu livro *Crise Suicida*. Inicialmente o autor mostra o suicídio entre os povos primitivos, e indica que os mesmos acreditavam que os mortos pudessem retornar para causar mal aos vivos. Desse modo os primitivos desenvolveram muitos tabus e rituais para afastar os mortos. Existiam ainda situações em que a prática do suicídio era considerada comum, como: evitar a desonra, fugir da escravidão, perdas afetivas e idade avançada.

Para algumas sociedades primitivas, o suicídio em idosos recebia certa aceitação social, sendo praticado através de rituais. Esse tipo de morte era compreendido como uma honra, para evitar que o idoso se tornasse um peso na comunidade. Geralmente, a morte provocada pelo suicídio era considerada honrosa, o indivíduo poderia entrar no paraíso e alcançar a imortalidade.¹²⁹

¹²⁸ BOTEGA, Nery José. *Crise Suicida: Avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

¹²⁹ BOTEGA, 2015, p. 14.

Esse pensamento é complementado por Ana Maria Kovács¹³⁰ que relaciona a prática do suicídio nos povos primitivos, quase sempre, com a falta de obediência às normas do grupo. O indivíduo era incentivado a provocar sua morte quando infligia às regras coletivas. Em algumas tribos, por exemplo, quando as regras eram violadas, o suicídio era cometido na tentativa de neutralizar a culpa e na crença de que poderia obter uma autopurificação.

Freud¹³¹ em seu escrito *Totem e Tabu* retrata que os povos primitivos se submetiam a essa punição quando violavam as leis. Era falta muito grave desobedecer às leis. Nos povos primitivos, quando o “tabu do incesto” ocorria, o infrator teria que provocar sua morte por enforcamento. Porque se o transgressor ficasse impuro, teria como punição a morte para não contaminar o grupo.

Dessa maneira, mesmo quando os povos primitivos consideravam o suicídio como algo natural, esse ato era cometido como punição, pela transgressão às regras do grupo. Em alguns casos para que a alma pudesse ser purificada, pois como foi colocado, nessa cultura, existia o medo de que os espíritos vingativos viessem cobrir a tribo de maldições. Então, o culpado teria que buscar o suicídio como sentença, com objetivo de proteger a tribo da maldade e ser perdoado de seus pecados.

Bodega¹³² formula que a temática do suicídio começa a aparecer nos espetáculos a partir do século XII. Hamlet, criação de William Shakespeare exemplifica o espetáculo do suicídio nos séculos seguintes. E a existência começa a ser desafiada. O “Ser ou não Ser” expressado por Hamlet, sugere que o indivíduo possa ter a liberdade na vida, o direito de escolher entre viver ou morrer.

Kovács¹³³ mostra que no século XIX, o suicídio é visualizado por um prisma “romântico da morte”. Cometido na impossibilidade de ficar longe do objeto de amor que ocasionou a explosão de sentimento. No palco surgiu outra obra de Shakespeare que retratou esse romantismo, em destaque a peça de “*Romeu e Julieta*”, evidenciava um cenário de amor atrelado à morte. Através dessa peça surgiu a noção de intensidade extrema na expressão do sentimento, um amor tão

¹³⁰ KOVÁCS, Júlia Maria, (Coord.). *Morte de desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

¹³¹ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas (v. XIII). Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1913-1914].

¹³² BODEGA, 2015, p. 20.

¹³³ KOVÁCS, 1992.

profundo que culmina em morte. Portanto, nesse período o suicídio é encarado como dilema humano, e por vezes como solução trágica perante o amor impossível.

3.2 O Suicídio no Tempo Moderno

Neste período surge o pensamento sociológico mostrando uma nova visão sobre o suicídio, tirando o foco do dilema humano para a sociedade. O pioneiro nesse estudo foi Émile Durkheim (1859-1917) que escreveu em 1897 sua obra *O suicídio*, obra que se tornou referência a partir de então. Nessa, analisou o mal estar do indivíduo em sociedade, considerando que a ruptura dos laços sociais poderia provocar o risco de suicídio.¹³⁴

O autor aponta que o suicídio não deve ser visto apenas como um ato isolado do indivíduo, provocado apenas por um conflito interno, mas propõe que após a Revolução Industrial “a família, o estado e a igreja deixaram de funcionar como representantes sociais.”¹³⁵ Desse modo, o indivíduo ficou desamparado dessas significações, e essa falta de coesão com a sociedade pode ser um modelador para a propensão ao suicídio.

Nessa perspectiva Botega¹³⁶ formula que o suicídio deixa de ser visto apenas como um problema privado, passando a ser público, não uma questão meramente moral, mas um ato da coletividade. Considera que no início do século XX surgiu um novo paradigma para o suicídio, a autonomia para cometer o ato. A partir desse enfoque moderno, para melhor entender os dilemas humanos, a seção seguinte apresenta os vários tipos de suicídios descritos por Émile Durkheim.

3.3 Tipos de suicídios na visão de Émile Durkheim

Como já foi apontado, através da ótica da sociologia, Durkheim¹³⁷ procurou investigar o suicídio em diferentes segmentos da população com base nos fatores,

¹³⁴ DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Mesmo que se referencie aqui a edição de 2000, deve-se ter em conta a data original da publicação, 1897. Na presente pesquisa não se contemplou exaustivamente essa obra, pois estaria fora do objetivo. Para maiores informações, cf. TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Três formas para compreender “O suicídio” de Durkheim. *Interface: Comunic, Saúde, Educ*, v. 6, n. 11, p. 143-52, ago, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/icse/v6n11/20.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

¹³⁵ DURKHEIM, 2000.

¹³⁶ BOTEGA, 2015, p. 75.

¹³⁷ DURKHEIM, 2000.

biológicos, raciais, genéticos, climáticos, geográficos. A partir disso, nomeou os vários tipos de suicídio como egoísta, altruísta, anômico e fatalista.

3.3.1 Suicídio Egoísta

O autor chama de suicídio egoísta o ato que é norteado por uma atitude meramente individual. A palavra egoísmo é empregada no sentido de que o “Eu individual prevalece ao Eu social.”¹³⁸ Nesse tipo de suicídio o sujeito tem um vínculo fraco com a vida, pelo fato de não ter uma integração com a sociedade.

A predisposição a esse ato provém do modo como a sociedade se encontra. Esta pode fazer do indivíduo uma vítima para o suicídio. Assim, uma sociedade adoecida pode gerar adoecimento no sujeito. A falta de integração com a sociedade, faz com que a pessoa se afaste, desprezando os interesses do coletivo, preocupando-se em atender apenas às demandas individuais. Para o autor, quando o grupo enfraquece o indivíduo depende menos dele, passa a ter atitudes mais egoístas e individualistas, deixando de reconhecer e aceitar as regras do grupo.

Durkheim evidencia ser importante que os vínculos estejam bem estabelecidos, pois a união em causas comuns, em prol do bem ao próximo, possibilita melhor vínculo com a vida. E numa sociedade coerente e viva, a troca contínua de ideais e sentimentos proporciona um amparo moral e mútuo, resultando na sensação de que se pode contar com o coletivo. Além dessa tendência suicida Durkheim, destaca outro tipo de suicídio egoísta encontrado em idosos, como se explana a seguir.

3.3.2 Suicídio Egoísta em Idoso

A escolha de retratar sobre os casos de suicídio egoísta, remeteu ao fato de acreditar que uma sociedade egoísta pode ser propícia para esse tipo de suicídio. Nesse sentido, as contribuições de Durkheim a respeito do suicídio egoísta auxiliam a compreender os comportamentos suicidas na atualidade, regida, como vimos no primeiro capítulo, por tendências narcisistas. Diante disso, antes de colocar o ponto de vista de Durkheim, indaga-se como estaria o idoso nesse cenário contemporâneo? Como estes vivem numa sociedade que valoriza as coisas rápidas,

¹³⁸ DUKHEIM, 2000.

produtora de resultados imediatos, bem ao contrário de suas capacidades na idade avançada?

Essa questão convoca a perspectiva de que o idoso pode se sentir excluído desse universo em função de sua lentidão. Grün¹³⁹, nesse sentido argumenta que o idoso necessita redescobrir uma nova maneira de exercer sua lentidão, para poder se adaptar ao contexto contemporâneo. Então, quando o idoso não consegue encontrar uma adequação, pode sentir que é um peso para a sociedade e desejar não viver mais.

Na avaliação realizada por Durkheim já no final do século XIX¹⁴⁰ o idoso se movimenta para afastar-se da sociedade, tendo uma atitude mais individualista. E, inevitavelmente a sociedade acaba fazendo o mesmo com ele. Nessa faixa etária, a necessidade básica é mais limitada, ele precisa menos do outro para se sentir completo, e ademais, por estarem no final da vida está menos apegado aos bens terrenos. Pode-se trazer essa observação para a atualidade e avaliar que no cenário contemporâneo, em função da falta de integração com a sociedade de consumo, a idade avançada pode ser um momento propício ao suicídio.¹⁴¹

3.3.3 Suicídio Egoísta e Narcisismo

Para compreender a relação entre suicídio egoísta e narcisismo, traz-se contribuições da psicanálise. Luis Hornstein frisa que “o narcisista reage com hipersensibilidade à intrusão do seu espaço e, ao mesmo tempo conserva a nostalgia de uma fusão, por isso teme a separação.”¹⁴² Em relação ao suicídio narcísico Durkheim Acrescenta que:

Em virtude de uma constituição psicológica o homem não pode viver a não ser que se ligue a um objeto que o ultrapasse e que lhe sobreviva, e deu-se como razão disso uma necessidade que teríamos de não desaparecer inteiramente. A vida, diz-lhe, só é tolerável quando percebemos nela uma razão de ser, quando ela tem um objetivo e valha a pena. O indivíduo por si só, não é um fim suficiente para sua atividade. Ele é muito pouco coisa. Além de ser limitado no espaço é também limitado no tempo. Assim quando não temos objetivo além de nós mesmo, nossos esforços estão destinados

¹³⁹ GRÜN, Anselm. *Vive-se apenas uma vez*. Trad. Paulo Ferreira Valério, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

¹⁴⁰ DURKHEIM, 2000.

¹⁴¹ A FIOCRUZ comentou em 2014 as estatísticas de suicídio no Brasil e no mundo, destacando o aumento do suicídio em homens idosos. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/suicidio-brasil-e-80-pais-das-americas-com-maior-indice>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

¹⁴² Hornstein, Luis. *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. Tradução Rebeca Farias. São Paulo: Centro de Estudo Psicanalítico, 2009, p. 57.

a se perder no nada. Nessas condições, não se consegue ter coragem para viver.¹⁴³

Assim, o suicídio acontece pela dificuldade de superar a dor narcísica de não ter o outro ao seu lado e, conseqüentemente, poder culpar o outro por ter sido desprezado. Durkheim formulava que a atitude egoísta e o atributo narcísico de viver no mundo apenas para satisfazer seu imperativo. Assim cria-se uma voracidade com as necessidades, não aceitando imposições do meio pela referência ser apenas seu Eu.

Considerando esse aspecto, Durkheim apontava que uma forma de poder impedir essa conduta, seria o interesse comunitário, pois este proporciona um vínculo para além de si mesmo, surgindo o interesse pela vida. O autor considera que quando o sujeito começa a lutar por um mesmo ideal pode se afastar do individualismo, isso implicaria na redução de suicídios.

Relacionando estas observações com o que foi apontado no segundo capítulo, na atualidade a sociedade de consumo vem instigando uma conduta narcisista e individualista, desconectada do bem comum. O aumento das taxas de suicídio pode estar vinculada a esse modelo de vida contemporâneo, considerando que a vida humana coletiva encontra-se ameaçada.

O que Durkheim descreveu a respeito do suicídio egoísta, pode ser relacionado como o abatimento da pessoa com conduta suicida, quando não se encontra valorizada e sua atitude é de descarte da vida, por sentir seu desmoronar. Percebe-se que esse tipo de suicídio é semelhante à atitude do sujeito contemporâneo, na preocupação prioritária com a valorização do eu.

3.3.4 Suicídio Altruísta

Discorreu-se até o momento que a falta de integração com a sociedade pode levar ao suicídio. No entanto, em contraste a esse ponto de vista, Durkheim coloca que a ligação excessiva com esta pode também gerar a conduta suicida.

Costa, fazendo uma releitura desse conceito em seu artigo “O preço do altruísmo”, formula que esse termo pode ser entendido como “um padrão de comportamento no qual a ação de um indivíduo resulta em benefício de outro.”¹⁴⁴

¹⁴³ DURKHEIM, 2000, p. 260.

¹⁴⁴ COSTA, Felipe. O preço do Altruísmo. *História, Ciência, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, out.-dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19n4/17>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Contudo, a atitude altruísta se distingue de uma manifestação egoísta, isso também fica evidente em relação ao suicídio. Pois no suicídio altruísta, o indivíduo tem uma integração com a morte. O suicida sente-se “obrigado” a abandonar sua vida para morrer junto com o outro. Nesse aspecto, Durkheim afirma que a individuação pode levar ao suicídio, mas sua escassez pode ter o mesmo efeito.¹⁴⁵ Assim, o autor destaca vários exemplos de suicídio considerados como altruístas:

1. Suicídio de mulheres por ocasião da morte do marido; 2. Suicídio de homem que chega ao limite da velhice ou são afetados nas doenças 3. Suicídio de clientes ou servidores por ocasião da morte do chefe.¹⁴⁶

3.3.4.1 Suicídio Altruísta em mulheres após a morte do marido

Em relação às “mulheres que são obrigadas a cometer o suicídio após a morte do marido”. Durkheim aponta que essa atitude está relacionada a uma dependência íntima e uma impossibilidade de separação. Nesse caso, a mulher é obrigada a ter o mesmo destino do marido, tendo que segui-lo para qualquer lugar até mesmo ao encontro da morte. Esse tipo de suicídio tem como configuração a morte como um dever e quando não é efetivada passa a ser uma desonra.

O autor esclarece que a sociedade só tem o poder de coagir seus membros a se matarem, caso a personalidade individual tenha pouca importância para a pessoa. Causa preocupação observar que na contemporaneidade também há correspondências, mesmo que seja por outro viés: o indivíduo encontra-se sem referencial identificatório em decorrência da fragilidade dos laços sociais. E como esse tem necessidade de se sentir amparado, a ausência de identidade sólida ocasiona a não distinção do que seja seu e o que é do outro, ou seja, o sujeito que não tem uma imagem real de si, acaba perdendo-se junto com o outro.

Outro fator já tratado foi o fato do amor romântico conduzir ao suicídio. Esse tipo de suicídio retrata claramente a forma altruísta. Pois, nesse caso o ego não se pertence, se confunde e funde com outra coisa que não é ele próprio, delegando ao outro as decisões, inclusive sobre vida e morte.

Rodrigues¹⁴⁷ formula que o suicídio altruísta mesmo sendo menos frequente, é encontrado na morte de mártires cristãos. São suicidas que se deixam morrer, procurando se conduzir de maneira que a morte seja inevitável. O fator que ocasiona

¹⁴⁵ DURKHEIM, 2000, p. 269.

¹⁴⁶ DURKHEIM, 2000, p. 269.

¹⁴⁷ RODRIGUES, Albertine José (Org.). *Émilie Durkheim: Sociologia*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2005.

esse tipo de suicídio, seria a paixão entusiasta pelo suplício da morte, a alienação da sua personalidade em favor do ideal religioso.¹⁴⁸

3.3.4.2 *Suicídio Altruísta em homem idoso*

No tocante ao “*suicídio em homem que chega ao limite da vida*”, Durkheim retrata várias culturas que consideram vergonhoso manter-se vivo no período da velhice. Desse modo, o indivíduo busca o suicídio para escapar dessa desonra, acreditando que seria uma glória prever o dia da morte, bem como queimar o corpo quando a doença e a vida chegam a um estágio de envelhecimento. A espera da morte seria um aviltamento à vida. A pessoa que morresse na velhice, não deveria receber homenagem, surgindo a crença de que o homem de corpo envelhecido e impuro sujaria o fogo.¹⁴⁹

Trazendo essa abordagem para atualidade, é possível comprovar que ainda agora o suicídio no final da vida retrata as características da sociedade contemporânea, hedonista, que valoriza o que é útil e belo. E devido ao idoso não mais sentir que é útil, acaba desejando sair de cena, acreditando que assim deixará de ser um peso para a sociedade.

3.3.4.3 *Suicídio de clientes ou servidores por ocasião da morte de chefe*

Nesse tipo de suicídio a morte é imposta como um dever ou um ponto de honra. Seria uma característica altruísta pelo fato do indivíduo se despojar de si mesmo para seguir o outro no encontro com a morte. O indivíduo considera que existe apenas na relação com o outro, então, acaba se confundido com o outro por não ter uma personificação de si mesmo.

Em destaque o autor descreve sobre os soldados, por serem treinados e ordenados para sacrificar sua vida, têm a tendência a não se importar com si mesmos. A individualidade do soldado não é evidenciada, e ele pode tomar a decisão de sacrificar a vida sem discutir nem mesmo compreender os motivos. Essa forma de suicídio é descrita como heróica.

¹⁴⁸ Sabe-se que há outros aspectos envolvidos no martírio, que não puderam ser abordados aqui por se desviarem do objetivo da pesquisa. Cf. BOFF, L.; TRINDADE, A. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. *Conciliium*, Petrópolis, v. 183, 1983.

¹⁴⁹ DURKHEIM, 2000, p. 270.

Diante do que foi proposto o suicídio altruísta acontece quando os ideais do sujeito misturam-se como os do coletivo, em que o grupo tem uma representação tão forte que não consegue se diferenciar. Como exemplos, cita-se o homem-bomba terrorista e o kamikaze.

Como prevenção a essa forma de sacrifício da vida destaca-se a importância de ter uma referência de si mesmo, um autoconhecimento, um cuidado com a existência e laços sociais para ter uma continuidade com a vida.¹⁵⁰

3.3.5 Suicídio Anômico

Botega¹⁵¹ coloca que o termo *anomia*, foi “inicialmente utilizado como moral sem vinculação de regra social”. Mas, Durkheim acrescenta que a *anomia* desorienta e deixa o indivíduo sem referência, promovendo uma falta de equilíbrio entre a necessidade e possibilidade de obter satisfação. Assim, o sofrimento causado pela *anomia* poderia levar ao suicídio.

Durkheim¹⁵² indaga, se a vida conflitada, pode provocar a sensação de querer desfazer-se dela com mais facilidade? Mesmo sabendo que a crise econômica é um momento propício para o aumento de suicídio, esclarece que isso não seria uma regra, pois o risco de suicídio não diminui quando o indivíduo tem mais conforto. O autor elucida que mesmo que as crises financeiras ou industriais promovam o aumento de suicídio, isso não ocorre pelo empobrecimento, mas pela perturbação de uma ruptura do equilíbrio e ordem social, ou seja, as mudanças inesperadas na sociedade são os fatores que mobilizam o suicídio.

Outro fator destacado por Durkheim diz respeito à inadequação das necessidades em relação ao meio em que vive, fator este que compromete a felicidade do indivíduo. Além disso, quando a sociedade oferece menos do que exige, o indivíduo pode entrar em um processo de vazio existencial. A insegurança de não conseguir avançar na vida, de não realizar os desejos e ver que os esforços não estão tendo êxito, pode provocar falta de entusiasmo e o descontentamento quando os objetivos traçados são inacessíveis.

¹⁵⁰ Sabe-se que muitos homens-bomba e mulheres-bomba são recrutados entre pessoas solitárias, angustiadas, sem perspectivas de futuro nem laços comunitários fora da religião, e por isso encontram-se mais suscetíveis de concordarem com essa forma de suicídio. ASNIS, Nelson; WERLANG, B. G.; SÁ, Samantha Dubugras. Aspectos psicodinâmicos do terrorismo religioso. *Temas em Psicologia Clínica*, p. 87-94, 2006.

¹⁵¹ BODEGA, Neury José. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 81.

¹⁵² DURKHEIM, 2000.

O autor adverte que as paixões devem ser limitadas, pois assim poderá adaptar-se às condições existentes, mas que é difícil o indivíduo barrar seus ímpetos, sendo importante uma força moral para regulá-los, para que sua consciência seja despertada. Durkheim considera que quando os anseios são restringidos o indivíduo pode mover-se de forma mais livre e contenta-se com sua vida. Então, menos exigente pode aceitar as regras sociais com mais docilidade. Levando em consideração que na contemporaneidade o homem está com uma característica de exaltação ao Eu, voltado mais para si mesmo, este tende a ficar mais frustrado quando seus anseios não são atendidos. E como faltam instâncias que promovam a regulação social e o refreamento dos impulsos, a frustração pode ser incrementada e o indivíduo não aceitar a sua própria sorte e nem contentar-se com satisfações sociais substitutivas.

Durkheim considera que é o contentamento que dá o prazer de viver e existir, mas por fazemos parte de um universo a maneira de agir depende também do social, assim afirma:

Quando a sociedade é perturbada, seja por crise dolorosa ou por transformações favoráveis, mas por demais repentinas, ela fica provisoriamente incapaz de exercer essa ação, assim surge o aumento brusco de suicídio.¹⁵³

Acrescenta que, quando a sociedade não é equilibrada seus valores ficam indefinidos e o indivíduo sem parâmetros não consegue identificar o que seja justo e o que não é. Assim deixa de ter uma referência do que possa reivindicar, passa a desejar o que quiser e entrar em desespero, pois os apetites humanos não têm limites.

Alguns anos antes, o filósofo dinamarquês Kierkegaard¹⁵⁴ no seu livro *Desespero Humano* coloca que o desespero é a “doença mortal”, sendo um suplício a enfermidade do eu, seria a tentativa do ser humano viver a morte. O autor formulou que “o homem tenta liberta-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da própria invenção.” Que o suplício é definido por ser o eu não quer. Pode-se relacionar essa formulação do autor com um aspecto da sociedade de consumo, em que sua exigência pode fazer com que o sujeito queira atender à solicitação do

¹⁵³ DURKHEIM, 2000. p. 320.

¹⁵⁴ KIERKEGAARD, Sören. *Desespero humano*. Trad. Francisco Costa Lima. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 25.

consumo. Porém, em função do narcisismo, pode não aceitar viver em meio a uma cobrança excessiva inventada por sua imagem engrandecida.

Destarte, a sociedade de consumo emprega altas expectativas, produzindo uma espécie de desorganização que dissemina bruscamente em certos indivíduos um sentimento de inferioridade, e quando estes não conseguem corresponder, podem buscar o suicídio.

Rodrigues¹⁵⁵ citando Durkheim coloca que numa sociedade onde se instiga a riqueza e a exaltação ao eu, o não reconhecimento é bastante doloroso. Constatase que a sociedade de consumo é bruscamente desregada, com fome de coisas novas, está sempre em busca de sensações incontroláveis, que deixam de ter sabor quando se tornam conhecidas. Diante dessa constatação, configura-se que a sociedade de consumo pode favorecer o risco de suicídio.

Ao mesmo tempo pode-se indicar que quando o sujeito não tem força para suportar o menor revés, sem esperança no porvir há um campo fértil para o suicídio anômico. E finalmente, considerando ainda que a pressão social pode levar ao suicídio, o autor esclarece sobre o suicídio fatalista mencionado no próximo tópico.

3.3.6 Suicídio fatalista

Mesmo considerado como raro, Durkheim destaca que pode ocorrer em função do indivíduo, ser submetido a grande pressão social, como em prisões, ou pela ausência de esperança em uma mudança na disciplina opressiva que o social impõe. Portanto, a forma de ficar livre da circunstância em que se encontra é cometendo o suicídio. Os indivíduos, geralmente tem tendência a sentirem-se esmagados e solitários, com medo de não terem capacidade de encontrar uma forma de serem úteis na sociedade.

Em uma nota de rodapé o autor refere-se ao *suicídio fatalista*, cometido por escravos, esse se dá por um sentimento de opressão pela tirania material, não por uma inflexibilidade para se curvar diante das regras. Essa forma de suicídio, portanto, manifesta-se totalmente contrário a uma conduta de *anomia*.

Em continuidade, trazendo a questão para a contemporaneidade, diante das várias mudanças entre a moralidade e solidariedade surge um questionamento sobre a decisão entre o desejo de viver e de morrer. Pois, em função das mudanças

¹⁵⁵ RODRIGUES, 2005.

provocadas por meio da tecnologia, aparecem vários questionamentos sobre o direito de viver e morrer. Por exemplo, no sentido de pensar em que momento o feto é considerado uma vida, e quando seria o momento certo para morrer. Para aprofundar essa temática lança-se mão na Bioética que tem algo a acrescentar sobre o direito de morrer.

3.3.7 Reflexões sobre o Direito entre a Vida e a Morte

A decisão para uma autonomia sobre a vida e a morte torna-se uma controvérsia na sociedade contemporânea. Os limites que devem ser aplicáveis aos procedimentos tecnológicos, geram discussões que se tornam tão arraigadas que o suicídio pode ser considerado normal. Sendo da natureza do ser humano não querer viver quando não percebe utilidade na vida. Levando alguns a buscarem na justiça o direito de morrer dignamente.

Então, estando em estado terminal e sem querer viver, o moribundo, pede ajuda na justiça para cometer o *suicídio assistido*. Que para Papalia, Old, Feldman é o ato em que o médico ou outra pessoa ajuda alguém a tirar a própria vida.¹⁵⁶ Pensando nas questões morais e éticas, questionamos se essa atitude não seria uma forma de atender a demanda de uma cultura que valoriza o que é útil e utilitário?

Um ponto importante são os questionamentos da Bioética sobre a ética da vida e o direito de morrer, que interroga: o indivíduo tem o direito sobre sua morte? Devemos permitir ou ajudar um doente terminal a cometer suicídio? Seria correto aplicar uma injeção letal para pôr fim ao sofrimento de paciente terminal? Essas são algumas questões que envolvem a sociedade contemporânea no sentido de discutir sobre a natureza e circunstância da vida.

A busca por essa temática partiu da perspectiva de levantar considerações acerca de qual seria a melhor postura do profissional de saúde diante de um dilema como o suicídio, também é coerente aprofundar o tema sobre o direito de por fim à vida, Sinner¹⁵⁷ levanta reflexões interessantes no seu artigo sobre as questões da

¹⁵⁶ PAPALIA, Diana; WENDKOS, Sally; FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 729.

¹⁵⁷ SINNER, V. Rudolf. Quem decide sobre o fim da vida. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Vol. 53, n. 2, p. 282-296, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/882/1046>. Acesso em: 22 fev. 2014.

morte que percorrem o filme *Mar Adentro*.¹⁵⁸ Nesse, o personagem, Ramón Sampedro entra na justiça para pedir o direito de morrer, pois considerava que viver o tornava depende do outro, em função de uma paralisia cervical, o que seria um verdadeiro inferno. Por isso, Ramon quando não consegue da justiça o direito de poder morrer, que para o moribundo seria uma morte com dignidade, comete o suicídio. Portanto, durante o ocorrido filma sua morte para provar que foi ele que buscou o suicídio sugando um veneno letal.

Essa história levou Sinner a interrogar: Quem decide sobre o fim da vida? E o que seria morrer com dignidade? Essas perguntas levaram o autor a pensar se teria justificativa para o suicídio nos casos em que o sofrimento é insuportável ou ainda numa total perspectiva de falta de melhora. Fala que dentro de um ponto de vista cristão “*a vida é um dom de Deus*”, então *abreviá-la ou negá-la seria sempre uma conduta contrária às leis divinas*.

Sinner aponta que com o advento tecnológico a expectativa de vida aumentou de forma considerável. Entretanto, surgem novos desafios aos profissionais no sentido de analisar quando chega o momento adequado de morrer e ajudar nessa preparação. Essa problemática exige dos profissionais da saúde, do cuidado, um preparo, no sentido de oferecer uma escuta adequada.

Em continuidade, a próxima seção mostra a visão da psicologia profunda através de James Hillman, que acrescenta a premissa de que o suicídio sofre a influência da alma. O autor afirma que “sofremos quando misturamos a realidade psíquica com pessoas e fatos concretos, simbolizando assim a vida e distorcendo a realidade.”¹⁵⁹ Desse modo, suas considerações são importantes, por tirar o suicídio do ponto de vista meramente patológico, mostrando que alma e corpo podem apresentar exigências conflitantes, em ocasiões onde as agitações da vida exigem que os valores da alma sejam aliviados.

3.4 O suicídio e a alma na visão de Hillman

Hillman coloca que a sociedade tem uma tendência a querer quantificar o suicídio, por isso sugere que este deve ser entendido levando em consideração o

¹⁵⁸ MAR ADENTRO. Dirigido por Alejandro Amenábar. Produzido por Fernando Bovaira e Alejandro Amenábar. [S.l.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, 2005. 1 DVD (125 min.).

¹⁵⁹ HILLMAN, James. *O suicídio e a alma*. Trad. Sônia Mari Caiuby Labate. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 89.

interior do paciente, classificando alguns tipos de suicídio que são típicos da conduta na sociedade contemporânea. Sobre o *suicídio simbólico*, Hillman destaca que este é executado publicamente de forma estranha com uma atitude de exibicionismo. O suicida encontraria uma forma simbólica de morrer, tomar banho com querosene, comer vidro, comer aranha venenosa, colocar fogo em si, entre outros.

Já o *suicídio emocional*, é realizado através do domínio de uma paixão muito grande. No sentido de causar culpa no parceiro, em uma tentativa de vingança. O autor coloca que nesses casos seria um grito suicida de socorro para ser salvo. Uma necessidade de união “amor-morte”. Por outro lado, no *suicídio intelectual*, o suicida entra num dilema de morrer por martírio, e então faz greve de fome.

Nesse sentido, Hillman esclarece que o suicídio é uma condição humana e que o significado dessa escolha pode estar relacionado com as vivências de cada pessoa. Enfatiza que a alma tem conexão com o corpo. A definição de alma para o autor está associada “a várias palavras, como: mente, espírito, coração, calor entre outros.”¹⁶⁰

Buscou-se o ponto de vista de Hillman para fazer uma conexão entre alma-corpo, pois para ele a alma seria o lado interno e o corpo o aspecto externo, a visibilidade.

Analisando que na contemporaneidade a valorização da imagem, a visibilidade, ocorre de forma extrema, pode-se considerar que o valor excessivo ao corpo faz o indivíduo esquecer-se da alma. Em função da alma não estar consciente no corpo, assim o sujeito se perde por não entender sobre sua própria essência. Então, o indivíduo comete o suicídio para libertar a alma do sofrimento, assim estaria tentando simbolizar a vida, mas distorcendo a realidade.

Porém, quando a alma não consegue se conectar com o corpo surge o estranhamento, a falta de sintonia. Seguindo essa linha de pensamento Marquetti¹⁶¹ formula que quando uma imagem fica desconectada, a representação é mostrada de forma fragmentada e sem sentido. Através da representação do drama do indivíduo em sociedade, torna-se possível analisar o suicídio na pós-modernidade. No próximo tópico evidencia-se o percurso do suicídio como um espetáculo.

¹⁶⁰ HILLMAN, 2009, p. 57.

¹⁶¹ MARQUETTI, Fernanda Cristina. *O suicídio como Espetáculo na Metrópole*. São Paulo: Fap – Unifesp, 2011. p. 45.

3.5 O suicídio como um Espetáculo

Depois desse percurso dentro dos diferentes formas de abordar o suicídio, está em tempo de conectar mais diretamente a descrição da contemporaneidade como realizada nos primeiros capítulos e a temática do suicídio. Inicia-se pelo conceito de espetáculo, que tem uma aproximação com o estudo de Guy Debord, que em 1967 escreveu o livro “*A sociedade do espetáculo*”¹⁶², já referido no primeiro capítulo. Nesse, teoriza que a sociedade atual é mediada pelo espetáculo, anunciando que a realidade da vida humana se torna um acúmulo de espetáculos, as vivências são mediadas por imagens, e a vida real deixa de ter uma unidade, passando a ser pobre e fragmentada.

Nessa sociedade a vida seria cultivada pela aparência, o que importa é a imagem e o exibicionismo, para garantir uma visibilidade e valor perante o outro. Assim, formula que a “imagem é uma abstração do real e o espetáculo se torna abstrato no mundo.”¹⁶³ Esse devaneio generalizado surgiu da sociedade capitalista.

Na sociedade capitalista a mercadoria é baseada no valor de troca, as qualidades concretas do objeto são anuladas, em favor da quantidade abstrata de dinheiro que representa. No espetáculo, a economia de meio, transformou-se em fim.¹⁶⁴

Então, cultiva-se a aparência do produto, para promover seu valor. Em relação à realidade da vida, nessa lógica da imagem, o que prevalece é a exibição para promover uma visibilidade perante o social. Portanto, a realidade que se vive é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e o sujeito vive numa alienação da sua realidade, logo o autor sugere que há a negação da vida de uma forma visível. Ao aproximar o ponto de vista de Debord com os riscos de condutas suicidas, entende-se que deve ser difícil sentir-se valorizado e viver no anônimo, numa sociedade na qual a valorização do ser humano, seria a representação. Nessa aproximação, pode-se tentar visualizar o suicídio como um espetáculo da vida cotidiana. Esse tema foi defendido por Fernanda Marquetti em seu livro o “*Suicídio como um espetáculo na Metrôpole*”.

¹⁶² DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, (1976-1997).

¹⁶³ DEBORD, (1976 - 1997), p. 5.

¹⁶⁴ DEBORD, (1976 - 1997), p. 5-6.

Marquetti¹⁶⁵ ressalta que a cultura, a sociabilidade e os modos de vida nas cidades influenciam o estilo de vida e de morte das pessoas. E a vida tende a procurar uma solução própria na sociedade contemporânea. Deste modo, ao desvendar o percurso de alguns suicídios, analisou os cenários construídos para o evento. Formulando que o suicídio pode ser construído como um espetáculo, e que os espectadores seriam parte essencial nesse cenário, pois a rua seria o grande espectador do espetáculo do suicida.

Mas, questiona o que seria o espetáculo para o suicida? E o que seria o espetáculo para os espectadores?¹⁶⁶ Como proposto por Debord, na sociedade pós-moderna estamos vivendo sob a égide da imagem, a autora sugere que na contemporaneidade a forma de significação é esquizoide, devido à fusão da relação entre o sujeito e o objeto. E o sujeito se encontra colado à imagem, onde cena e realidade se misturam.

Marquetti destaca que o suicida é o próprio objeto da cena. A imagem da cena suicida toma o lugar do sujeito. Ao ocorrer à substituição das coisas pela imagem, o suicida deixa de ser sujeito e passa a ser uma imagem virtual ou ao vivo. Para os espectadores, o suicida é um elemento que se introduz na vida cotidiana, um corpo que está estendido, e a cena cria um espetáculo de hiper-realidade que pode superar o próprio suicídio.

Observando os vários cenários em que alguns indivíduos tiraram a vida, considerou o sentido do suicídio como uma representação simbólica do drama público. Diante disso, com base na visão psicanalítica o suicídio pode ser visto como uma atuação, em que as significações podem ser elaboradas após o ato suicida.

O termo atuação é tradução de “*act acting*” que significa “uma pessoa representar ou manifestar, na sua conduta e na sua expressão corporal, um conteúdo psíquico próprio ou temporariamente assimilado.”¹⁶⁷ Conteúdo de sentimento ou ideia externado em uma conduta através de uma encenação, uma ação. O suicídio como uma ação, seria a representação de um sofrimento. Uma das representações poderia ser a urgência de sair instantaneamente do vazio e desejar minimizar a dor, o que faz com que o suicida atue.

¹⁶⁵ MARQUETTI, Fernanda Cristina. *O suicídio como Espetáculo na Metrópole*. São Paulo: Fap - Unifesp, 2011. p. 29.

¹⁶⁶ MARQUETTI, p. 46.

¹⁶⁷ SANDLER, Joseph. *O paciente e o analista: fundamentos do processo psicanalítico*. Trad. José Luiz. Rio de Janeiro, 1986. [Nota de Rodapé, p. 86.]

A partir disso Marquetti¹⁶⁸ mostra várias categorias de suicídio. Contudo, destaca-se, apenas os três que mais se aproximam dessa pesquisa, o suicídio: narcisista, misturado com vida pública, e em direção ao lixo. No suicídio narcisista se observa o desejo do suicida de querer mostrar-se na cena pública, pois a construção da cena do suicídio fica restrita em um espaço semipúblico, mesmo configurado fora do ambiente familiar, não é feito afastado desse âmbito nem fora do perfil sociocultural. E, mesmo sendo fora de casa não é propriamente na rua, por exemplo: aquele que é executado numa sacada de um prédio tem uma plateia seleta e selecionada.

Para a autora, o suicídio é narcisista pelo fato da cena representar uma imagem espetacular e porque o suicida estaria dentro do seu espaço semipúblico em que nenhum olhar de fora do seu meio poderia penetrar quem teria acesso à cena seriam pessoas do seu meio social. Marquetti¹⁶⁹ define esse tipo de suicídio como um “estado narcísico da sociedade contemporânea”. Explicando que na atualidade por ocorrer uma valorização no domínio privado, o suicídio teria o mesmo propósito, controlar as regras da intimidade.

No que concerne ao suicídio misturado com a vida pública, esse ato suicida ocorre em lugares públicos, um pouco isolados, em ruas de pouca movimentação, e, às vezes, distante da cidade. Neste suicídio a cena perde seu destaque por misturar-se com o cotidiano, com a movimentação urbana, com a multidão. No entanto, a autora coloca que o fato do suicídio ser cometido em lugares isolados, tem visibilidade pelo reconhecimento de uma individualidade. Sustenta sua tese de um espetáculo pelo fato do suicida virar um destaque após a morte, ou seja, o suicídio sendo consumado no centro da cidade em meio às vias públicas, surge um atrativo que vira um espetáculo, um espectador curioso em volta do corpo. Marquetti¹⁷⁰ salienta que a sociedade pós-moderna estimula o efeito do espetáculo mesmo que esse favoreça um estado de horror, contudo o que se observa é um espectador que não fica apreensivo, diante da dor alheia, pois sua frieza e desligamento com o outro faz com que não se envolva com a cena.

Sobre o suicídio executado em direção ao lixo, à autora destaca que o evento acontece em meio “ao caos, à turbulência, ao consumo, à decadência e à

¹⁶⁸ MARQUETTI, 2011, p. 123.

¹⁶⁹ MARQUETTI, 2011, p. 127.

¹⁷⁰ MARQUETTI, 2011, p. 173.

sujeira.”¹⁷¹ Nesse caso ocorre um envolvimento do suicida com a tribulação urbana tornando mais um evento caótico no local, o ato seria uma simbolização da lógica do local. A pessoa suicida passa a ser o próprio lixo, estaria o suicida querendo transmitir uma mensagem com esse ato?

Dentro do ponto de vista de Marquetti, o suicida que se joga no lixo caminha no sentido contrário a uma atitude narcisista de autocuidado e conservação da vida. Esse cenário avesso mostra o despojamento com o cuidado à vida. Essa cena mostra duas formas de abandono: o desprezo ao corpo e o ato de renunciar à vida. Em síntese seria uma “representação do desprezo pelo próprio corpo e pela vida, o suicida sendo igualado ao lixo humano.”¹⁷² Marquetti¹⁷³ afirma que na sociedade pós-moderna o que é priorizado é o excesso, com isso é difícil viver num espaço instituído sob a falta de regra simbólica e ausência de referenciais. A falta de conexão entre o presente-passado-futuro pode interferir na identidade do sujeito, e mobilizar de uma forma simbólica o sentimento de desamparo.

Conclui que o sujeito inserido dentro de uma cadeia de significações permite ser representado num corpo físico e psíquico e possibilitar uma relação mais favorável no mundo caótico que o cerca. Entretanto, quando o sujeito perde a simbolização do seu próprio corpo, do seu eu, sente-se sem referência, poderá ficar a mercê de sua sorte e misturar-se com uma imagem de uma não representação do corpo externo, não conseguindo manter-se vivo no mundo.

3.6 Síntese

Foi retratado no início do capítulo que no século passado o suicídio era visto como um dilema meramente individual. Diante da perspectiva sociológica foi possível visualizar uma influência do social numa conduta suicida, em que a ruptura dos laços sociais poderia provocar o suicídio. Foi analisado ainda que a falta de referência, deixa o sujeito desamparado de suas significações, desse modo passa a ficar vulnerável ao suicídio.

Apontou-se que na atualidade a sociedade encontra-se voltada para o eu, nesse sentido uma conduta em que o eu prevalece faz o indivíduo perder a conexão com a sociedade, atitude que é suscetível ao suicídio. Outro aspecto levantado é

¹⁷¹ MARQUETTI, 2011, p. 174.

¹⁷² MARQUETTI, 2011, p. 174.

¹⁷³ MARQUETTI, 2011, p. 175.

que uma atitude narcisista permite a intolerância à dor, em função da impossibilidade de suportar a frustração.

Em meio a valores distorcidos e confusos e sem possibilidade de alcançar uma estabilidade, aumenta a possibilidade do sujeito perder a conexão com sua vida. Assim Marquetti formula “o tempo acelerado tenta reduzir o modo de sentir, pensar e agir a um consumo imediato, a uma intervenção no sentido de querer resolver, dissolver e afastar os problemas, assim não há tempo para refletir nem pensar.”¹⁷⁴

No mais, pelo fato da sociedade pós-moderna não ter espaço para falhas e coisas mais arcaicas, o sujeito, para sentir-se fazendo parte do mercado, passa a investir cada vez mais em uma imagem. E, dentro do que lhe é oferecido, quer escolher a imagem que gostaria de ter, o risco seria não encontrar uma representação, ou encontrar uma através do corpo saindo de cena.

Desse modo, o fato da sociedade do espetáculo, conforme Debord, valorizar a imagem, o exagero e o que é grandioso tem uma significação diferente, surgindo uma tendência à desvalorização quando o ideal é atingido.

Diante do que foi tratado, buscou-se fazer um percurso sobre os autores que tratam do tema suicídio para a compreensão de que o estilo de vida na sociedade pode influenciar numa conduta suicida. Respalhada pela concepção de que a sociedade de consumo instiga uma valorização ao eu e ao individualismo, tentou-se formular que nessa sociedade onde o eu encontra-se exaltado surge uma prevalência do individual, do desejar viver apenas para o prazer e sensações.

Influenciado por uma cultura do individualismo perde a conexão com a sociedade. Por outro lado, a incapacidade de viver de forma homogênea no lar, dentro do qual os papéis eram complementares, e passando a viver por acordo elaborado por meio de interação, criou certo desamparo. Permitindo ao sujeito não ter referência, e fazendo que busque saídas para lidar com o vazio existencial. Em que algumas buscam a dimensão dos vícios: abuso de álcool, drogas, crack, jogos, internet, atividade física, comida, na tentativa de adquirir o prazer. Sant¹⁷⁵ coloca que essa busca vai gerando o comportamento repetitivo de sempre querer ter acesso ao prazer, porém as sensações acabam se tornando um hábito.

¹⁷⁴ MARQUETTI, 2011, p. 15.

¹⁷⁵ SANTI, 2011, p. 60.

Considerando que o hábito torna-se invasivo, uma vez que o prazer inicial desaparece e, diante de uma compulsão, pode não encontrar nada que preencha o vazio. E, de maneira desesperada pode querer terminar com tudo rapidamente, ou mesmo, com medo de torna-se escravo, poderá buscar o suicídio como um recurso. Em continuidade no final do capítulo foi apontado o suicídio como um espetáculo. Nesta ótica, sugere-se que os dramas humanos vividos na sociedade, podem ser encenados na cena suicida. Diante do ponto de vista de Marquetti, Bauman, Debord, Cardoso, Santi, viver num tempo que exige um fluxo cada vez mais intenso, convocando o sujeito a ter uma presença constante, pode ser assustador. E alguns podem usar o recurso do suicídio para expressar uma imposição. Essas questões foram apontadas na tentativa de ter uma compreensão sobre o suicídio na contemporaneidade. No mais, os questionamentos levantados, nos convocam a pensar sobre uma prática adequada com o suicida por ser um dilema humano mais intrigante no ambiente da área da saúde.

CONCLUSÃO

Ao finalizar esta pesquisa, gostaríamos de reunir uma citação de Clarice Lispector.

Meu Deus, me dê a coragem
de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites,
todos vazios de Tua presença.
Me dê a coragem de considerar esse vazio
como uma plenitude.
Faça com que eu seja a Tua amante humilde,
entrelaçada a Ti em êxtase.
Faça com que eu possa falar
com este vazio tremendo
e receber como resposta
o amor materno que nutre e embala.
Faça com que eu tenha a coragem de Te amar,
sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo.
Faça com que a solidão não me destrua.
Faça com que minha solidão me sirva de companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.
Receba em teus braços
o meu pecado de pensar.

Clarice Lispector

A poesia de Clarice nos convida a pensar no vazio da vida, a dor do existir. Clarice retrata um ser que não é nada, no qual a alma encontra-se estranha ao corpo. Retrata de uma solidão em meio à multidão e da vontade de ter uma plenitude em viver, um lamento para conseguir aplacar o desamparo e se adaptar a uma solidão angustiante.

Essa conduta nos remete a refletir sobre a sociedade atual e as mudanças que o mundo contemporâneo tem provocado em nosso modo de viver. E assim indagamos: Qual o valor que cada indivíduo dá a sua existência terrena?

No decorrer da pesquisa vimos que na atualidade, em meio as constantes mudanças na sociedade, a vida agitada e a rapidez do tempo parecem roubar do ser humano a contemplação da vida. Estamos vivenciando a fluidez dos momentos e a vida vai ficando mais curta. Clarice expressa sua inquietação de não conseguir degustar a vida, por outro lado mostra o desejo de encontrar refúgio nos braços do Criador e sentir-se plena com seu modo de viver e menos exigente com a vida.

Essa conduta contraria a conjuntura atual, que nos impõe tantos limites para viver melhor em sociedade. Assim formula-se que as recentes transformações na sociedade, na família, na economia têm alterado a relação intersubjetiva a partir da influência do consumo na vida cotidiana e nas relações. Pressionando o indivíduo a procurar um espaço potencial que valoriza uma personificação e investimento no eu e no individualismo. A demanda social é no sentido de assumir uma conduta de exibicionismo para qualificar a imagem.

Diante disso vivencia-se um tempo em que as informações, os valores hedonistas, e as imagens estão sendo inflamados e o indivíduo emergido neste ambiente passa a ser um novo produto no mercado que terá que vender sua própria imagem para encontrar um espaço. É impulsionado nessa direção, na medida em que encontrar um *status* lhe confere a sensação de que está sendo útil para a sociedade.

Constata-se que essas mudanças estão influenciando a forma do sujeito agir perante a vida. Pois nessa sociedade a vida não pode andar em ritmo lento, a exigência é de agilidade, tem que estar em movimento, mudar de forma, ser volátil. Diante disso constatou-se que essa agitação está deixando o indivíduo não adaptado ao ambiente, pois hoje o tempo passa rápido deixando o indivíduo aturdido, despreparado para acompanhar as perdas constantes que tem que enfrentar, entre essas, o envelhecimento do próprio corpo. A perda da jovialidade é trágica: Chega-se a pensar que há dor e estranhamento em ver o corpo morrer a cada dia. Muitos sentem-se alheios dentro do seu próprio corpo.

Nesse aspecto, diante de um tempo fluido, passageiro alguns conseguem representar seu papel e viver uma vida estável, tendo uma intensa agilidade, um dinamismo para ter uma representação nesse mercado competitivo, compensando suas angústias cotidianas, desprendendo suas emoções na academia, nas drogas, etc. No entanto, outros parecem não conseguir, sentindo-se repetitivos na conduta de anestesiar os hábitos, passam a ter condutas mais agressivas para eliminar a dor do existir, se automutilando e tentando o suicídio.

Constata-se que a cultura de consumo está moldando a subjetividade de diversas formas, uma delas é fazendo o indivíduo se identificar com coisas e objetos potentes, levando a uma discriminação com o outro por não pertencer a uma determinada classe social ou o mesmo gênero. Essa cultura instiga que as pessoas sejam reconhecidas pelos objetos que usam e invejadas pelo que possuem,

modificando a inversão do ter pelo ser. Na medida em que, para ser cobiçado, precisa ter um objeto invejado, assim é vista de forma exaltada.

Dentro dessa lógica, a cultura de consumo promove a anulação da diferença, transformando as pessoas em coisas, objeto de vitrine. Demarca uma fluidez na identidade que passa ser fragmentada e cambiante, modificando o etilo de vida. Desse modo percebe-se que a vida do indivíduo nessa sociedade de consumo encontra-se ameaçada em função de sua liquidez. Alguns não conseguem se segurar, deixam a vida escoar pelos dedos como água, se entregam e não têm força para lutar e encontrar um lugar almejado e suicidam-se.

Nessa cultura de consumo, para viver é preciso ser potente e enfrentar o mundo rivalizado, tendo que correr para ganhar a corrida. Mas alguns, por não terem o reconhecimento de si mesmos, desistem no meio do caminho. O reconhecimento de si precisa de um mergulho interno, mas para alguns, é muito doloroso e nem todos desejam passar por isso. Assim tentam buscar soluções rápidas para se livrar da dor do existir tentando o suicídio.

Considerando ainda a influência do consumo nas relações, constata-se que o ser humano envolvido em suas conquistas individuais deixa de desfrutar de uma relação em família, percebe-se que o tempo compartilhado entre pais e filhos vai ficando a cada dia mais escasso, deixando o indivíduo isolado e desamparado. Pois, trabalha-se cada dia mais para conquistar um poder aquisitivo maior, como se os bens fossem capazes de suprir todas as carências.

E a mulher parece ser a que mais se destacou nesse momento de transformação, pois vive correndo de um lado para o outro para dar conta das inúmeras tarefas que tem que cumprir. Por outro lado deixando seus rebentos à própria sorte, tendo que cuidarem de si mesmos sozinhos. Diante disso constatou-se que nessa cultura de consumo o indivíduo encontra-se sem amparo, solitário, com sentimento de vazio, com dificuldade de encontrar razão para viver.

Contudo pode-se identificar também que nessa sociedade surgem novos arranjos de família, monoparentais, descasadas, recasada, dificultando a formação dos vínculos e acarretando maior surgimento de conflitos. Percebe-se que esses novos formatos de famílias fazem surgir uma atitude individualista promovedora de uma liberdade e igualdade nas relações pessoais, em que as escolhas estão sendo feitas para satisfazer a si mesmo não tendo uma preocupação com a família. Porém o ser humano se constitui a partir do outro e é na relação com o outro que pode

desenvolver seus valores morais e éticos. Pois quando vive direcionado as suas necessidades acaba perdendo a capacidade de socialização ficando solitário e com sentimento de vazio.

Sendo assim a realização dessa dissertação serviu para sinalizar que as questões apontadas no processo de transformação da família moderna fomentaram o individualismo e o isolamento, acarretando relações não sólidas, e provocando em seus membros o sentimento de abandono. Essa atitude pode suscitar o suicídio, pois a rejeição pode ameaçar a identidade em construção.

No sentido afetivo e sexual o corpo na cultura de consumo passa a ter um novo instrumento de subjetivação através de uma lógica que incita a adquirir experiência e até ser explorado. O corpo teria que estar em movimento, circulando até mesmo com vários parceiros, subvertendo tudo que foi ensinado anteriormente. Mas essa atitude pode levá-lo a ficar desabitado, solto, desligado, sem referencial, ao ponto de não conseguir se prender ao outro e distanciando-se da vida.

É importante destacar que diante da característica contemporânea da relação da mulher com seu corpo e seu papel na feminilidade, foi analisado que essa mudança pode levar a um desamparo, sendo um terreno fértil para o vazio. No entanto mesmo que os avanços femininos tenham modificado o perfil da família contemporânea trazendo consigo conflitos observa-se que essas mudanças proporcionaram diversas conquistas para a mulher no seu papel social. Não estamos sugerindo que devamos voltar a um tempo onde a lei autoritária prevaleça, mas alertar que o profissional do cuidado possa se preparar para atender esse novo perfil de configuração familiar no qual todos sofrem efeitos, mas também podem crescer e desenvolver-se.

Assim, em função das constantes mudanças, apontadas no âmbito da família, sociedade e das novas tecnologias, o ser humano contemporâneo encontra-se em desordem. Isso está sendo evidenciado na clínica atual, através do seu modo de lidar com a vida. De um lado encontramos sujeitos desligados, com uma atitude eufórica vivendo o aqui e agora com intensidade, por outro lado nos deparamos com o sujeito depressivo, exausto com sua existência e sem vontade de viver. Diante dessa constatação, percebe-se um sujeito artificial, pois não sabe distinguir o que é essencial e o que é dispensável e assim não valoriza sua existência, pois a estranheza do seu corpo com alma o conduz, muitas vezes, ao suicídio.

Diante destas considerações, ao aprofundar sobre a temática do suicídio na contemporaneidade, encontrou-se muitas dificuldades por ser um tema árduo, e por visualizar o quanto a humanidade está adoecida em função dos valores distorcidos. É difícil ver a tendência em dar prioridade ao que é passageiro, pois alguns pelo desejo de consumir e possuir bens materiais extingue o sentimento do amor, voltando apenas para suas conquistas pessoais. Verifica-se que quando o apego pelo material absorve os outros sentimentos, acaba provocando uma frieza no coração, que só pode levar a um desapego da vida.

Finalizando, acrescenta-se que ao escrever sobre o suicídio, entende-se que o profissional do cuidado teria que ter um manejo clínico sensibilizado: embasar-se em autores que tem um olhar para os aspectos psicológicos, sociais e espirituais, pois esses têm muito a nos mostrar sobre a essência humana. Dessa forma terá melhores condições de acolher a pessoa que sofre com ideias suicidas. Embora escrevendo sobre uma temática que remete a um fim da vida, a tentativa de escrevê-la foi no sentido de buscar a vida, mesmo que escrever seja um grande esforço. Mas a escrita passa ser um nascimento. Acreditando que para alguns, viver deve ser um grande desafio, mas entendemos que ao encarar o sofrimento aprendemos mais sobre a arte de amar a vida. Como anuncia Shakespeare.

APRENDER
William Shakespeare

Depois de algum tempo você aprende a diferença,
A sutil diferença entre dar uma mão e acorrentar uma alma,
E você aprende que amar não é apoiar-se
E que companhia nem sempre significa segurança,
E começa aprender que beijos não são contratos,
E presentes não são promessas.

E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e os olhos adiante,
Com a graça de um adulto, e não com a tristeza de uma criança.
E aprende a construir todas as suas estradas no hoje,
Porque o terreno de amanhã é incerto demais para os planos,
E o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

Aprende que falar pode curar dores emocionais
Descobre que se leva anos para construir uma confiança
E apenas segundos para destruí-la.
E que você pode fazer coisas em um instante,
Das quais se arrependerá pelo resto de sua vida.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer
Mesmo a longa distância,
E o que importa não é o que você tem na vida,
Mas quem você tem na vida.
E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher.

Aprende que não temos que mudar de amigos
 Se compreendermos que os amigos mudam,
 Percebe que o seu melhor amigo e você
 Podem fazer qualquer coisa ou nada
 E terem bons momentos juntos.

Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que o ame
 Não significa que esse alguém não o ame com tudo que pode
 Pois existem pessoas que nos amam
 Mas simplesmente não sabe como demonstrar ou viver com isso.

Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém
 Algumas vezes você tem que aprender a perdoar a si mesmo
 Aprende que com mesma severidade com que você julga
 Você será em algum momento condenado.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido,
 O mundo não pára para que você o conserte,
 Aprende que tempo é algo que não pode voltar para trás,
 Portanto, plante seu jardim e decore sua alma,
 Ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.

E você aprende que realmente pode suportar, que realmente é forte,
 E que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais.
 E que a vida realmente tem valor,
 E que você tem valor diante da vida.
 E você finalmente aprende que nossas dúvidas são traidoras
 E nos faz perder o bem que poderíamos conquistar,
 Se não fosse o medo de tentar...¹⁷⁶

¹⁷⁶ SHAKESPEARE, William. *Aprender*. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=66773&cat=Poesias&vinda=S>. Acesso em: 13 mar. 2016.

REFERÊNCIAS

- ASNIS, Nelson; WERLANG, B. G.; SÁ, Samantha Dubugras. Aspectos psicodinâmicos do terrorismo religioso. *Temas em Psicologia Clínica*, p. 87-94, 2006.
- BAUMAN, Zygmund. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- _____. *Vida pra consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Vidas desperdiçada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, vol. 40, n. 72, p. 47-67, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v40n72/v40n72a04./jun2007>>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- _____. *Mal-estar na atualidade: a Psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BITTENCOUT, Renato. Os dispositivos existenciais do consumismo. *Revista Espaço Acadêmico* – n. 118, março, 2011. p. 104. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/10182/6708>>. Acesso em: 22 fev. 2016.
- BODEGA, Neury José. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- BOFF, L.; TRINDADE, A. Martírio: tentativa de uma reflexão sistemática. *Concílio*, Petrópolis, v. 183, 1983.
- BORGES, Caroline; MAGALHÃES, Andrea. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *PSICO*, vol. 40, n. 1. p. 42-49, jan/ mar, 2009. p. 43. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/3993/4140>>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fonte, 2006.

BRAZÃO, José C. Chaves. Vínculo e afeto na atualidade: impacto do novo capitalismo. *Polis e Psique*, Vol. 4, n. 1, p. 90-109, 2014.

CAIO, Fernando; CAIO, André. *A era do narcisismo: aspectos da subjetividade contemporânea*. Revista, V. 27, p. 227-244, ano, 2013. Disponível em: <<http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2013/Artigo%2013>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

CANIATO, Angela Maria Pires; Rodrigues, Samara Megume. Olho Gordo e Furar - Olho na Sociedade do Espetáculo: Reflexões Sociopolíticas Sobre a Inveja. *IDEAS*, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/1505>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

CARDOSO, Mateus. Sobre a doença de existir. *Revista de Filosofia*, ano VII, n. 95, 2014. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/95/artigo313250-1.asp>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

COSTA, Felipe. O preço do Altruísmo. *História, Ciência, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, out.-dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19n4/17>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: contraponto, (1976 - 1997).

DECOURT, Marcela. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneos. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, vol. II, n. 4, 2007. p. 4-5. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/pdf/resenha_03.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2015.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, [1897-2000].

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Ensaio Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREITAS, Regys. A emergência da sociedade de consumo e a sua influência na proteção Jurídico-Penal do Consumidor. 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/args/cp151945.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

FREUD, Sigmund. Ansiedade e Vida Instintual. *Edição Standard Brasileira. Obras Psicológica Completas*. v. XXII. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1932-1936].

_____. A moral civilizada e a doença nervosa. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas*. v. IX. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1906-1908].

_____. Inibição Sintoma e Angústia: *Edição Standard Brasileira Obras Psicológica Completas*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (1925 [1924]).

_____. O Futuro de uma Ilusão. *Edição Standard Brasileira Obras Psicológica Completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1927-1931].

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1914 – 1916].

_____. Tipos libidinais. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1927 – 1931]

_____. Totem e Tabú. *Edição Standard Brasileira das Obras completas*. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1913-1914].

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. ESB, v. 7. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1901-1905].

GRÜN, Anselm. *Vive-se apenas uma vez*. Trad. Paulo Ferreira Valério, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HILLMAN, James. *O suicídio e a alma*. Trad. Sônia Mari Caiuby Labate. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HOLMES, Jeremy. *Conceito de narcisismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

HORNSTEIN, Luis. *Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade*, Trad. Rebeca Ferreira. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudo Psicanalítico, 2009.

JUSTO, Sanches Jaona. A primazia da imagem e a virtualização das relações na cultura das aparências. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 153, 2014.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22859>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

KIERKEGAARD, Sören. *Desespero humano*. Trad. Francisco Costa Lima. São Paulo: Martin Claret, 2001. p 25.

KOVÁCS, Júlia Maria, (Coord.). *Morte de desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LASCH, Christopher. *Cultura do narcisismo: vida America numa era de Esperança em Declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LETRA, Leda. *Rádio ONU em Nova York*. OMS. Alerta que mais de 800 mil pessoas se suicidam por ano no mundo. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2015/09/oms-suicidio-causa-uma-morte-cada-40-segundos-no-mundo>>. Acesso em: 10 set. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazío: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. Miguel Serra Pereira, Ana Farias Antropos. Barueri, São Paulo: Manole, [1983] 2005.

MAR ADENTRO. Dirigido por Alejandro Amenábar. Produzido por Fernando Bovaira e Alejandro Amanábar. [S.l.]: Twentieth Century Fox Film Corporation, 2005. 1 DVD (125 min.).

MARQUETTI, Fernanda Cristina. *O suicídio como Espetáculo na Metrópole*. São Paulo: Fap - Unifesp, 2011.

MELO, Joaquim Cesário de. *Sociedade de Consumo* - Parte III. 2009. Disponível em: <<https://humanasblog.wordpress.com/tag/contemporaneidade/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

MENEZES, Lucianne. *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MILL, Stuart John. *Utilitarismo*. Coleção grandes Obras do Pensamento Universal: Ed. Escala, 2007.

MIRANDA, Marcelo. *Evolução do modo de Produção Capitalista*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/58190630/IFPE-Capitalismo-pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2013.

PAPALIA, Diana; WENDKOS, Sally; FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PEREIRA, Viviane Andrade. *Corpo ideal peso normal: transformação na Subjetividade feminina*, Curitiba: Juruá, 2010.

RODRIGUES, Albertini José (Org.). *Émilie Durkheim: Sociologia*. 9. São Paulo: Ática, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. Por uma crítica da economia libidinal psicanálise e cultura, *Revista IDE*, São Paulo, vol. 31, n. 46, p. 16-26, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a04.pdf>>. Acesso em: 11 maio. 2016.

SALES, Amanda Patrícia. Angústia ou Borderline? *Revista Ciência e Vida*. Ano IX, n. 112. p. 60. Disponível em: <<http://www.portalcienciaevida.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SANDLER, Joseph. *O paciente e o analista: fundamentos do processo psicanalítico*. Trad. José Luiz. Rio de Janeiro, 1986.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. *Desejo e Adição nas Relações de consumo*. São Paulo: Zagodoni, 2011.

_____. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. Disponível em: <<http://www.revistas.univciencia.org/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/view/5077/4693>>. Acesso em: 15 out. 2014.

SENNET, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Trad. Clóvis Martins. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Aprender*. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=66773&cat=Poesias&vinda=S>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SINNER, V. Rudolf. Quem decide sobre o fim da vida. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Vol. 53, n. 2, p. 282-296, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/882/1046>. Acesso em: 22 fev. 2014.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Três formas para compreender “O suicídio” de Durkheim. *Interface: Comunic, Saúde, Educ*, v. 6, n. 11, p. 143-52, ago, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/icse/v6n11/20.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

VAZ, Andrea Cristiane. *Fama: um olhar Psicanalítico sobre a busca incessante pelos holofotes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

WEISSMANN, Lisette. *Famílias monoparentais: um olhar da teoria das configurações vinculares*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

WINNICOTT, Donald. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

ZANETTI, Sandra e GOMES, Isabel. A ausência do de autoridade na família contemporânea brasileira, *Psico*, vol. 40, n. 2, p. 194-201, abr/jun. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/download/3726/4532>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

ZORNIG, Silvia M. Abu-jamra. As teoria sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008. p. 76. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08>>. Acesso em: 22 fev. 2016.